



**GOVERNO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS**



MIGUEL RODRIGUES DE OLIVEIRA

**AS HQs COMO FERRAMENTAS DE INCENTIVO À LEITURA E À PRODUÇÃO
TEXTUAL**

**SINOP-MT
2015**

MIGUEL RODRIGUES DE OLIVEIRA

**AS HQS COMO FERRAMENTAS DE INCENTIVO
À LEITURA E À PRODUÇÃO TEXTUAL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Profa. Dra. Luzia A. Oliva dos Santos

Sinop
2015

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

O48h Oliveira, Miguel Rodrigues de.
As HQs como ferramentas de incentivo à leitura e à produção textual /
Miguel Rodrigues de Oliveira. – Sinop, 2015.
108 p.

Orientadora: Dra. Luzia Aparecida Oliva dos Santos.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso,
Campus Universitário de Sinop, Faculdade de Educação e Linguística,
Programa de Pós-graduação Profissional em Letras.

1. Histórias em Quadrinhos. 2. Gêneros Textuais. 3. Sequência Didática.
4. Multiletramentos. 5. Educação – Novas Tecnologias. 6. Mestrado Profissional
em Letras. I. Santos, Luzia Aparecida Oliva dos, Dra. II. Título.

CDU 741.5:028+8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

MIGUEL RODRIGUES DE OLIVEIRA

**AS HQS COMO FERRAMENTAS DE INCENTIVO
À LEITURA E À PRODUÇÃO TEXTUAL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras, julgado pela Banca composta dos membros:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luzia A. Oliva dos Santos
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop
(Presidente)

TITULARES

Prof. Dr. Danglei Pereira de Castro
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

SUPLENTES

Profa. Dra. Márcia Maria de Medeiros
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS/Dourados

Profa. Dra. Rosana Rodrigues da Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Aprovada em: 05 de agosto de 2015.

Local da defesa: Sala M1– *Campus* Universitário de Sinop – Universidade do Estado de Mato Grosso

DEDICATÓRIA

Aos meus pais: Joaquim Rodrigues de Oliveira e Joana Rosa de Oliveira (*in memoriam*).

À minha esposa: Luciene Piu de Oliveira e filhas: Melissa Piu de Oliveira e Mikaela Piu de Oliveira.

À minha orientadora: Profa. Dra. Luzia A. Oliva dos Santos.

AGRADECIMENTOS

A vida acadêmica é muito intensa, exige dedicação aos estudos, doação de si mesmo para consecução dos objetivos almejados, por outro lado é também gratificante em razão de promover o crescimento do estudante em todos os sentidos, principalmente em relação à elevação em nível profissional.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me conceder saúde e coragem para vencer mais uma batalha.

Aos meus pais: Joaquim Rodrigues de Oliveira e Joana Rosa de Oliveira (*in memoriam*), que me deram a vida e me educaram para trilhar os caminhos do bem e estar sempre disposto a ser solidário com o próximo.

À minha esposa: Luciene Piu de Oliveira e filhas: Melissa Piu de Oliveira e Mikaela Piu de Oliveira que souberam suportar as minhas ausências em razão deste estudo e pelo o apoio necessário quando precisei.

À minha orientadora: Profa. Dra. Luzia Aparecida Oliva dos Santos que me mostrou que realmente vale a pena o esforço dispendido na busca por melhores alternativas na educação, para que os nossos educandos tenham prazer em estudar e que os conhecimentos adquiridos na escola façam sentido em suas vidas.

Aos demais professores do PROFLETRAS por ministrarem aulas interessantes, atuais e em consonância com as mais recentes pesquisas na área educacional.

A todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a conquista desta vitória, por meio de incentivos, palavras-amiga ou qualquer gesto de reconhecimento.

EPIGRAFE

Tenho o livro aberto diante de mim, sobre a minha mesa. O autor, cujo rosto vi no belo frontispício, está sorrindo com satisfação e sinto que estou em boas mãos. Sei que, à medida que avançar pelos capítulos, serei apresentado àquela família de leitores, alguns famosos, muitos obscuros, da qual faço parte. Aprendi suas maneiras e as mudanças nessas maneiras, e as transformações que sofreram enquanto levaram consigo, como magos de outrora, o poder de transformar signos mortos em memória viva. Lerei sobre seus triunfos e perseguições, sobre suas descobertas quase secretas. E, no final, compreenderei melhor quem eu – leitor – sou.

ALBERTO MANGUEL

RESUMO

O presente estudo denomina-se Trabalho de Conclusão Final do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – Unidade de Sinop-MT e intitula-se “As HQs como Ferramentas de incentivo à Leitura e à Produção Textual”. Tem por objetivo, desenvolver uma proposta de ensino-aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa, na Escola Municipal de Educação Básica Silvana, município de Sinop-MT, na turma do 5º ano do Ensino Fundamental, com fundamentação na concepção sócio-interacionista da Língua, com enfoque nos multiletramentos e nas novas tecnologias da informação. A metodologia adotada foi a Sequência Didática, proposta por Schneuwly, B.; Dolz, J. et al. (2004). A seleção do referido tema deve-se ao fato de que as HQs fazem parte do gosto natural dos educandos, estas são adequadas ao estudo de diferentes assuntos, pois apresentam linguagem articulada com a escrita e a imagem, além da necessidade de se incorporar as diferentes linguagens nas ações educativas para oportunizar melhores situações de ensino-aprendizagem. Após o percurso da proposta de intervenção e análise dos dados constatou-se que o objetivo proposto foi alcançado, com apresentação de resultados satisfatórios em relação aos alunos envolvidos, tais como: ampliação do nível de escrita, leitura, oralidade, articulação entre escrita e imagem, produção do caderno de Histórias em Quadrinhos nos formatos manuscrito e digital. Assim, evidenciou-se que o trabalho com as HQs no ambiente escolar em conjunto com as novas tecnologias, os multiletramentos e por meio de sequência didática contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da oralidade e da escrita, demonstrando que todas as iniciativas com o propósito de potencializar o uso das diferentes linguagens são bem vindas ao espaço escolar, tendo em vista a busca por uma educação de melhor qualidade.

Palavras-chave: Gêneros Textuais; HQs; Sequência Didática; Multiletramentos; Novas Tecnologias.

ABSTRACT

This study is called Project of Final Conclusion of the Professional Master in Languages - PROFLETRAS - Sinop-MT unit and is entitled "The comic strip as incentive tools for Reading and Textual Production." It aims to develop a teaching-learning proposal in the discipline of Portuguese Language in the Municipal School of Basic Education Silvana, Sinop-MT, in the class of the 5th year of primary school, with grounding in socio-interactionist conception of language, focusing on multiliteracies and new information technologies. The methodology was the Didactic Sequence, proposed by Schneuwly, B.; Dolz, J. et al. (2004). The selection of theme is due to the fact that comic strip are preference of the students, these are suitable for the study of different subjects, since they have articulated language with writing and the image, beyond the need to incorporate the different languages in educational activities to create opportunities for better teaching-learning situations. Following the proposed of intervention and data analysis it was found that the proposed objective was achieved, with presentation of satisfactory results on the students involved, such as: expansion of the writing level, reading, orality, articulation between written and image, on production of Comic book in manuscript and in digital formats. Thus, it became clear that working with comic strip in the school environment together with new technologies, the multiliteracies and through didactic sequence contributed significantly to the development of orality and written, demonstrating that all initiatives aimed to enhance the use of different languages are welcome to the school environment, in order to search for a better quality education.

Keywords: Text Genres; Comic Strip; Didactic Sequence; Multiliteracies; New Technologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - The Yellow Kid (Garoto amarelo)	35
Figura 02 – Charge.....	40
Figura 03 - Cartum.....	41
Figura 04 – Tira cômica.....	41
Figura 05 – História em quadrinhos mais longa.....	42
Figura 06 – Legenda representando o narrador onisciente.....	43
Figura 07 – Legenda representando o narrador-personagem.....	43
Figura 08 – Alguns tipos de balões.....	44
Figura 09 – Onomatopeias.....	45
Figura 10 – Requadro, cercadura ou vinheta.....	46
Figura 11 – A cor como elemento identificador dos personagens.....	46
Figura 12 – Preto e branco como estilo do autor.....	47
Figura 13 - História em quadrinhos da Turma da Mônica, utilizada como motivação para a introdução do estudo da sequência didática.....	54
Figura 14 – Exemplo de Tira.....	56
Figura 15 – Charge.....	56
Figura 16 – Cartum.....	56
Figura 17 – Exemplo de história em quadrinhos mais longa.....	57
Figura 18 – Tira utilizada para leitura e produção.....	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Competência leitora dos alunos	69
Gráfico 2 – Análises das produções de tiras	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM	16
1.1 GÊNEROS DISCURSIVOS	23
1.2 LETRAMENTO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM.....	26
1.3 LITERATURA E HQs: DIÁLOGOS ENTRE AS LINGUAGENS.....	33
1.4 HISTÓRIA DAS HQs	34
1.5 LINGUAGEM DAS HQs.....	38
1.6 HQs E ENSINO-APRENDIZAGEM	47
2 METODOLOGIA.....	52
2.1 DO LOCAL DE APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	52
2.2 DO PÚBLICO-ALVO	53
2.3 DA APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	53
3 ANÁLISE DOS DADOS	64
3.1 CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS PARA A PRODUÇÃO E COMPREENSÃO DO GÊNERO TEXTUAL HQs	64
3.2 USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS.....	65
3.3 TEMPO LIMITADO PARA A APLICAÇÃO DA PROPOSTA.....	65
3.4 A INTERFERÊNCIA DA INDISCIPLINA NAS SITUAÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM	66
3.5 ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS NA LEITURA DE HQs.....	67
3.6 ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA	69
3.7 ARTICULAÇÃO DE DISTINTAS LINGUAGENS	70
3.8 VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS E ERROS ORTOGRÁFICOS PRESENTES NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS	71
3.9 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	74
3.10 AVALIAÇÕES NO INÍCIO, DURANTE E NO TÉRMINO DE CADA ETAPA	75
3.11 DEFASAGEM NA ESCRITA DOS ALUNOS	76
3.12 ANÁLISE DAS HQs PRODUZIDAS PELOS EDUCANDOS.....	77

3.13 REFLEXÃO SOBRE O PRODUTO	80
CONCLUSÃO	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84
ANEXOS.....	85
ANEXO I - Histórias em Quadrinhos no formato manuscrito	86
ANEXO II - Histórias em Quadrinhos no formato digital	97

INTRODUÇÃO

Uma das principais características da espécie humana é a busca por melhores condições de trabalho, saúde, lazer, entre outros. Isso pode ser constatado no transcorrer da história da humanidade pelos avanços proporcionados pelo desenvolvimento do raciocínio lógico e das invenções, em virtude dos conhecimentos adquiridos. Nesse sentido, a escrita é a criação que mais alavancou o progresso, favorecendo as condições propícias para o estabelecimento das organizações políticas, econômicas, culturais, entre outras. Por outro lado, houve crescimento, também, da exploração do homem, bem como a degradação do meio ambiente. Nesse sentido, é necessário que se repensem as questões éticas e morais envolvidas em tal aspecto.

Durante muito tempo, o acesso ao saber escolarizado foi direcionado para poucas pessoas, preferencialmente aos ocupantes de posições sociais importantes ou filhos de cidadãos ilustres. Dessa forma, era uma minoria que se destacava socialmente por meio da leitura e da escrita.

A escolarização das massas populares no Brasil é um discurso antigo que, segundo Magda Soares (2000), em certos momentos, se direciona para o aspecto quantitativo, ou seja, para o aumento da oferta de vagas, e, em outras ocasiões, para o qualitativo, ou melhorias nas condições de ensino e aprendizagem. Porém, o alcance desse objetivo da forma ideal ainda não ocorreu. Professores, gestores, pais e alunos têm demonstrado insatisfação com os resultados da prática educativa que ocorre nas escolas. Isso pode ser constatado com os baixos índices de aprendizagem demonstrados nos exames do ENEM, vestibulares, concursos, entre outros.

Na perspectiva de pesquisar como o aluno aprende, que conhecimentos são fundamentais em sua vida e qual o papel da escola para uma formação sólida dos educandos, é o que se tem intensificado no desenvolvimento de trabalhos na área da educação nas últimas décadas. Atualmente, têm ocorrido diversos estudos com abordagens na área da linguagem. Tais pesquisadores acreditam que a maioria dos problemas de aprendizagem origina-se em decorrência da concepção de linguagem adotada pelo educador, ou seja, a partir dela é que se direciona todo o processo de ensino-aprendizagem, de maneira consciente ou não.

O presente estudo denomina-se Trabalho de Conclusão Final (TCF) do curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – Unidade de Sinop-MT, intitulado “As HQs como ferramentas de incentivo à leitura e à produção textual”. A seleção da referida temática deve-se à preocupação enquanto professor-pesquisador da área de linguagem com referência às competências em leitura e escrita dos educandos, por entendê-las como fundamentais para o exercício da cidadania de forma crítica e participativa.

No primeiro capítulo abordam-se as concepções de linguagem, os gêneros discursivos, o letramento, a literatura e as HQs: diálogos entre as linguagens, história das HQs, linguagens das HQs, HQs e ensino-aprendizagem. Na concepção de linguagem como expressão do pensamento, a enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece (TRAVAGLIA, 1996). Na concepção de linguagem como instrumento de comunicação, a língua é tratada como um código, ou seja, um conjunto de signos que combinam segundo regras, capaz de transmitir uma mensagem. Travaglia (1996) expõe que, nessa concepção, a linguagem se encontra intrinsecamente ligada aos elementos comunicativos, tratada como uma ferramenta para a transmissão das mensagens por meio da variedade padrão, desprezando-se as demais manifestações linguísticas. A concepção sócio-interacionista da linguagem foi difundida no Brasil pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), os quais tomam a linguagem “como uma ação orientada para uma finalidade específica [...] que se realiza nas práticas sociais existentes, nos diferentes grupos sociais, nos distintos momentos da história” (PCNs, 1998, p. 20).

O conceito de gênero discursivo relaciona-se à concepção sócio-interacionista da linguagem para a compreensão e produção dos enunciados. De acordo com Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, ou seja, podem ser vistos como modos flexíveis de utilização da linguagem em distintos eventos comunicativos, nos quais enunciador e enunciatário se apoiam para produção e compreensão dos discursos. São produzidos de formas articuladas com as ações do ser humano, por isso são tão numerosos quanto às atividades da humanidade.

Em consonância com a concepção sócio-interacionista da linguagem, surge o termo letramento, como uma forma de se referir aos distintos usos da escrita, relacionados às práticas sociais. Assim, os estudos sobre letramento têm como

objetivo repensar o ensino-aprendizagem pelo viés da leitura e da escrita, como partes essenciais das práticas de linguagem que acontecem dentro e fora da escola, no sentido de torná-las mais significativas, incluindo a diversidade dos gêneros do discurso, inclusive àqueles relacionados às mídias sociais, multissemióticos ou multimodais, procurando aproximar as atividades realizadas na escola com a realidade vivenciada pelos educandos e com as práticas efetivas de uso da língua.

Segundo Rojo e Moura (2012), os pesquisadores que estudam o letramento têm apontado a limitação do termo para designar todas as práticas sociais de uso da escrita. Seguindo essa linha de pensamento, adotaram o termo multiletramentos, com a função de abordar a diversidade cultural e linguística presente na sociedade, de forma a considerar o plurilinguismo, a multissemióse em uma abordagem pluralista das culturas.

No tópico “Literatura e HQs: diálogos entre as linguagens” evidencia-se que há uma inter-relação entre a literatura e as histórias em quadrinhos. Alguns veem os quadrinhos como uma forma de literatura, outros como uma linguagem independente. Ramos (2010) aponta que, até algum tempo atrás, os quadrinhos eram vistos como uma manifestação de literatura com a finalidade de agregar um rótulo socialmente aceito a essa linguagem. Evidencia, no entanto, que ambas são formas de arte autônomas que dialogam entre si. Nesse sentido, a linguagem da literatura consiste, prioritariamente, no emprego de palavras em prosa ou poesia. A linguagem das HQs, por conseguinte, é composta por palavras e imagens, mas em sua arquitetura consta a presença da narrativa sequenciada.

No tópico “História das HQs” são abordados aspectos relacionados ao surgimento das primeiras formas de arte sequenciada até as obras quadrinísticas mais modernas. No item que trata da linguagem das HQs, descrevem-se os elementos constitutivos dos quadrinhos, bem como a função que estes têm para a compreensão e produção do referido gênero textual. Em HQs e ensino-aprendizagem, tratam-se as questões relacionadas às propostas pedagógicas envolvendo o gênero textual em questão, com destaque para a sequência didática: “As HQs como Ferramentas de Incentivo à Leitura e à produção Textual”, objeto do presente estudo.

No segundo capítulo, apresentam-se a metodologia, o local de aplicação da proposta de ensino-aprendizagem, o público-alvo e o desenvolvimento da sequência didática. A metodologia empregada alinha-se à pesquisa-ação que, segundo Xavier

(2012), por meio da interferência na realidade social e na interação com os sujeitos pesquisados, procura-se constatar os problemas e encontrar as soluções adequadas. Nesse aspecto, as aulas foram ministradas no formato de sequência didática, tendo como produto final, a produção de um caderno de histórias em quadrinhos nas versões manuscrito e editado no programa HagáQuê pela turma do 5º ano da Escola Municipal de Educação Básica Silvana do município de Sinop-MT. Durante a ação didática, elaborou-se um relatório diário composto dos conteúdos ministrados e das devidas reflexões a respeito das distintas situações ocorridas em tais momentos como suporte para as análises posteriores.

O terceiro capítulo apresenta a seleção dos dados e a análise, apontando para os resultados obtidos. Assim, evidenciou-se que por meio do gênero textual “Histórias em Quadrinhos” é possível motivar os educandos para a realização das atividades de leitura, interpretação e produção textual, articuladas com os multiletramentos e as novas tecnologias, tornando as aulas mais dinâmicas e significativas.

1 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

A principal função da escola é garantir a apropriação da leitura e da escrita por parte dos alunos de forma articulada com os conhecimentos científicos, éticos e culturais. Tal objetivo é almejado desde o início da instituição do ensino, procurando atender aos aspectos quantitativos e qualitativos. Consoante a isso, destaca-se que a democratização do ensino permitiu o acesso à educação escolarizada das camadas populares. Mesmo admitindo que esse acontecimento foi de grande valor para a sociedade em termos quantitativos, não se pode dizer o mesmo em se tratando dos aspectos qualitativos do ensino. Nesse sentido, não basta que haja políticas de incentivo à presença dos educandos de diferentes classes sociais no ambiente escolar, mas que haja um constante movimento em busca de qualidade da educação. Segundo Soares (2000, p.8),

no Brasil, o discurso em favor da educação popular é antigo: precedeu mesmo a proclamação da República. Já em 1882, Rui Barbosa, baseado em exaustivo diagnóstico da realidade brasileira da época, denunciava a vergonhosa precariedade do ensino para o povo no Brasil e apresentava propostas de multiplicação de escolas e de melhoria qualitativa no ensino. Desde então, e até hoje, diagnósticos, denúncias e propostas de educação popular têm estado sempre presentes nos discursos políticos sobre a educação, no Brasil. E também desde então, e até hoje, esses discursos vem sempre inspirados nos ideais democrático-liberais: objetivo é a igualdade social, e a democratização do ensino é vista como instrumento essencial para a conquista desse objeto.

Se comparada a evolução do ensino do período inicial até os dias atuais, será possível perceber que houve avanços, mas que ainda não está atendendo às demandas de forma eficiente, fato constatado nos baixos níveis de aprendizagem dos educandos comprovados nos exames, como o caso do ENEM, vestibulares, entre outros. Isso significa que, apesar das inegáveis melhorias ocorridas no sistema de ensino nas últimas décadas, as escolas ainda não estão formando alunos competentes no uso das diferentes linguagens para que possam exercer a cidadania, participando ativamente das práticas sociais, de maneira a obterem sucesso nas atividades profissionais almejadas.

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, produto originado a partir das reivindicações sociais e da conjunção de esforços dos pesquisadores dos assuntos educacionais, há uma expectativa de avanços na educação brasileira,

tendo em vista que são documentos oficiais do governo a estabelecer padrões comuns para o desenvolvimento do processo educacional no país, apresentando-se como base para a elaboração das propostas pedagógicas nas escolas públicas.

A concepção de linguagem defendida pelos PCNs de Língua Portuguesa é sócio-interacionista, fundamentada nos estudos de Bakhtin, Bronckart, Marcuschi, entre outros, a língua é vista como atividade social, histórica e cognitiva. Dessa maneira, as linguagens são construídas no processo de interlocução entre os indivíduos, readaptando-se de acordo como os momentos históricos e com as capacidades linguísticas de cada sujeito.

Embora haja consenso quanto à importância dos estudos em torno do ensino pautado na concepção interacionista da língua e o advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais que apresentam o mesmo direcionamento, as pesquisas afins apontam que não houve avanços significativos em se tratando dos conhecimentos básicos em relação à leitura, compreensão e produção textual, dado o número elevado de analfabetos funcionais. Se as descobertas acerca dos trabalhos envolvendo as linguagens e os gêneros discursivos são vistos com bons olhos pelos educadores, por que não alcançaram o sucesso almejado? Dentre as respostas para esta questão, a mais evidente é que apesar destas propostas serem convincentes quanto a sua eficácia, não houve uma compreensão global das mesmas pela classe dos professores por diferentes razões: pela falta de aprofundamento nos estudos das novas propostas, seja por motivo de falta de organização para tal fim; por falha do poder público em garantir o suporte no desenvolvimento das ações necessárias para que tais propostas sejam efetivadas; pela realidade educacional brasileira com salas superlotadas e, por fim, nas questões salariais dos professores que não oferecem condições para investir em sua própria carreira.

O fato é que, estando investidos nessa função, tem-se o compromisso de dar um respaldo para a sociedade, uma vez que a mesma não está satisfeita com os baixos índices educacionais estampados nas pesquisas. Assim, é função do educador se aperfeiçoar em cursos na área educacional com o intuito de amenizar os indicadores apresentados.

Cientes dessa realidade, pesquisadores têm se concentrado nas áreas de ensino e aprendizagem, refletindo como se aprende e produzindo teorias para tornar as práticas de ensino ajustadas aos diferentes públicos, para que o interesse com

referência às situações de ensino para do alunado, de suas vivências e, posteriormente, se expandam para outros conhecimentos.

Nessa perspectiva, têm-se procurado descrever as abordagens das diferentes concepções de linguagem que os professores fazem uso no momento da prática de ensino-aprendizagem. Tais concepções estão ligadas a diferentes épocas, evoluindo em conjunto com as mudanças sociais. Assim, nota-se que um mesmo educador faz uso de diferentes concepções de linguagem, apesar de ter estudado e experimentado novas experiências. Em seu subconsciente, ainda permeiam práticas tradicionais com as quais, muitas vezes, se mantém seguro, então, desenvolve um misto de atividades em certos momentos mais conservadoras, em outros, mais dinâmicas. É natural que isso aconteça, pois é próprio do ser humano a convivência com a diversidade, não significa, no entanto, que deva se acomodar perante os novos conhecimentos, e sim, manter uma postura de reflexão diante das novas descobertas do processo de aprendizagem e das inovações tecnológicas, selecionando aquelas que garantam avanços significativos.

Para que se possa compreender as abordagens referentes às concepções de linguagem, primeiramente será tratado o conceito de linguagem. Assim, dentre as faculdades próprias da espécie humana, a linguagem é a que mais dá sentido à sua existência, torna possível a comunicação entre os seres humanos, cria meios de sobrevivência, está presente em todas as situações, é ampliada historicamente em razão de novas invenções, interação com outras culturas, estudos, entre outros. Dessa maneira, pode-se afirmar que a linguagem perpassa o indivíduo a todo o instante, fazendo parte de todas as ações, readequando-se de acordo com o momento e a situação, sendo o principal veículo em que se processa o ensino-aprendizagem.

A seguir, será feito um recorte das concepções de linguagem que mais se relacionam com o estudo em questão, estando, pois, presentes no processo de ensino-aprendizagem, direcionando a atuação dos educadores.

Nas últimas décadas, no Brasil, os conhecimentos a respeito das concepções de linguagem têm sido ressignificadas, como formas de potencializar as situações de ensino-aprendizagem, a partir dos fundamentos da obra “Estética da criação verbal” (2003) do filósofo russo, Mikhail Bakhtin, tendo como exemplo as Diretrizes Curriculares e os Parâmetros Curriculares Nacionais, que defendem a concepção dialógica da linguagem e tomam os gêneros textuais como norteadores das

situações de ensino-aprendizagem. Assim, levando-se em consideração que a compreensão de tal obra era bem diferente em décadas passadas, é necessário que tais leituras sejam atualizadas em conformidade com o momento presente.

Com relação à adoção pelos documentos oficiais de tal concepção de linguagem, acredita-se que houve um considerável avanço no ensino-aprendizagem, porém se faz necessário que os educadores estejam em constante formação continuada no sentido de compreender tais pesquisas, relacionando os conhecimentos adquiridos à prática, possibilitando assim, maiores avanços na área educacional.

Bakhtin/Volochinov (1992) classificou tais concepções de linguagem em três: Subjetivismo Idealista, Objetivismo Abstrato e Concepção Dialógica de Linguagem, defendida pelo Círculo de Bakhtin. Geraldi (1984), tendo estudado os pressupostos bakhtinianos, renomeou-os, como: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma de interação.

Na concepção de língua como expressão do pensamento, a enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece (TRAVAGLIA, 1996, p. 21).

Para Koch e Elias (2013, p.9) em tal concepção de linguagem, o sujeito é “psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações”. E ainda, não prevê a interação discursiva para a produção de enunciados, pois pretende que os mesmos sejam compreendidos pelos ouvintes da forma que foram construídos, sem qualquer possibilidade de construção coletiva.

Segundo as autoras, “o foco de atenção é, pois, o autor, bastando tão-somente ao leitor captar suas intenções” (p.10). Logo, toma-se o texto como um produto final, não sendo passível de qualquer alteração por parte do leitor.

A aprendizagem da teoria gramatical é vista como garantia para que se possa alcançar o domínio das linguagens oral e escrita. A leitura ainda é tida como uma forma para o sujeito exteriorizar o pensamento e não como uma atividade interativa. O desempenho do aluno mede-se pela sua capacidade de se expressar oralmente, nesse sentido, aqueles que não se sentem à vontade para participar das atividades por meio da fala acabam sendo prejudicados. Dessa maneira, tal concepção de língua não garante que determinado aluno tenha um bom

entendimento do texto, por privilegiar apenas a oralidade. Atualmente, a tendência é valorizar a oralidade e a escrita.

Na concepção de linguagem como instrumento de comunicação, a língua é considerada um produto social inerente à linguagem, um conjunto de regras exteriores ao indivíduo. Assim, a língua não se confunde com a linguagem, por ser uma parte essencial desta. Nesse sentido, a língua é um sistema de convenções capaz de transmitir uma mensagem a um receptor. Em tal concepção, a língua é tratada como um código, ou seja, um conjunto de signos que combinam segundo regras, capaz de transmitir uma mensagem. Travaglia (1996, p.22) expõe que nesta concepção, a linguagem se encontra intrinsecamente ligada aos elementos comunicativos, tratada como uma ferramenta para a transmissão das mensagens por meio da variedade padrão, desprezando-se as demais manifestações linguísticas. Conforme Bakhtin/Volochinov (1992), não há qualquer relação com o sistema e a sua historicidade da língua, limitando-se ao estudo do seu funcionamento interno. Assim, o foco de atenção está no texto, de maneira que a busca pela compreensão deve ser centrada nele, sem considerar os conhecimentos externos a ele. Nas palavras de Koch e Elias (2013, p.10), “a concepção de língua como estrutura corresponde a de sujeito determinado, “assujeitado” pelo sistema, caracterizado por uma espécie de “não consciência”” (p.10). Assim, nesta concepção todo e qualquer processo de compreensão deve ser ancorado completamente no texto: “o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto o conhecimento do código utilizado” (p.10). A leitura é vista como uma mera decodificação, sem qualquer possibilidade de interação entre autor, leitor e o contexto de produção. Segundo Koch e Elias (2013, p.10), nesta perspectiva

a leitura é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que “tudo está dito no dito”. Se, na concepção anterior, ao leitor cabia o reconhecimento das intenções do autor, nesta concepção, cabe-lhe o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto. Em ambas, porém o leitor é caracterizado por realizar uma atividade de reconhecimento, de reprodução.

Tanto a concepção de língua como código quanto a expressão do pensamento não se enfatizam os estudos da leitura e da escrita de forma articulada, de maneira a tornar as atividades de ensino-aprendizagem significativas para os

alunos, trabalhando-as separadamente, na crença de que os alunos articulem tais atividades em suas práticas. Entende-se que tais atividades devem ser realizadas conjuntamente, no sentido de que a integração permita uma melhor compreensão dos textos por parte dos alunos. Outro ponto a considerar é que a concepção de língua como código pode ser constatada no meio comercial, ocasião em que se torna necessária uma especificidade das linguagens utilizadas, para que se compreendam as práticas sociais realizadas em tal meio. Logo, acredita-se que a escola tem muito a auxiliar nesse aspecto, uma vez que muitos acabam por perderem oportunidades em suas vidas por não dominarem os gêneros discursivos com eficiência. Pretende-se enfatizar com esses apontamentos que a escola precisa se adaptar cada vez mais ao que ocorre fora de seus muros, tornando-se uma ponte para que os alunos obtenham sucesso nos estudos e nas profissões que escolherem. O constante desinteresse dos jovens com a educação escolarizada e os baixos índices de aprendizagem constatados nas pesquisas são indicadores que sinalizam que a escola precisa ser mais incisiva no contexto de ensino e sua prática, sem deixar de incentivar a leitura literária, uma ferramenta imprescindível na formação estética do ser humano.

A concepção sócio-interacionista da linguagem se tornou conhecida no Brasil por meio dos estudos realizados pelo círculo de Bakhtin, um grupo de filósofos, que fez uma reflexão ampla sobre a linguagem, inserindo-a na área da Filosofia, com a inclusão das teorias linguísticas e literárias, tomando-a como uma manifestação viva, no sentido de substituir o formalismo gramatical pela abordagem do gênero textual, como uma forma de tornar os enunciados mais acessíveis. Nessa perspectiva, a área da Filosofia da linguagem trouxe grandes contribuições para o ensino-aprendizagem.

De acordo com Bakhtin (1992), os gêneros textuais são vistos como estruturas relativamente estáveis de enunciados, apresentado assim, variações na forma e no conteúdo composicional com o propósito de atender aos objetivos dos produtores de discursos. Conforme Koch e Elias (2013, p.10),

na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores.

Em tal concepção de linguagem os gêneros textuais são vistos como importantes manifestações linguísticas que ocorrem dentro das práticas sociais. De acordo com Santos (2013, p. 25),

O conceito de **gênero textual** é importante quando falamos de ensino, porque o texto só existe situado social, cultural e historicamente. Quando lemos uma receita, por exemplo, fazemos uma série de associações conforme nosso conhecimento prévio do que se organiza linguisticamente. Isso não significa que todas as receitas serão iguais, mas há semelhanças de forma e conteúdo que fazem com que, diante de uma receita, saibamos perfeitamente que ela não é uma bula ou bilhete.

Dessa maneira, para a produção de sentidos do texto, recupera-se a importância da intermediação do leitor e de seus conhecimentos, adquirindo este, pois, um caráter ativo, vindo a contribuir na formação do leitor e produtor de texto, ao considerar suas vivências, experiências e anseios, podendo identificar-se com as atividades realizadas durante o processo e tornar-se um leitor assíduo e crítico. De acordo com Koch e Elias (2013, p.11),

o sentido de um texto é construído na interação textos-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa, altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativos.

Em conformidade com tal afirmação, defende-se o trabalho coletivo envolvendo a oralidade e a escrita nas situações de leitura, produção e análise linguística dos textos, ocasiões em que os educandos têm a oportunidade de ler, escrever, revisar, de maneira que tenham acesso às estratégias de leitura e à produção textual, construindo e reconstruindo seus conhecimentos linguísticos, dentro de um processo ativo e significativo. Portanto, desenvolver propostas de ensino que considerem tais atos não se constitui tarefa fácil, pois exige do professor conhecimento atualizado, porém, uma vez investido na tarefa de ensinar, faz-se necessário agregar esforços para que a função de formador seja plena.

Neste sentido, é de fundamental importância que os professores reflitam sobre as concepções de linguagem, para que haja consideráveis transformações em suas práticas, pois há evidências de que as ações pedagógicas são efetuadas de

acordo com as concepções de linguagem adotadas. Dessa maneira, o profissional que tem uma visão gramaticista, certamente desenvolverá propostas de ensino-aprendizagem baseadas na tradição gramatical; aquele que se aprofundou nos recentes estudos em questão, conseqüentemente tomará a linguagem como uma realidade sócio-cultural e sócio-interacional, o que apresentará resultados diferentes na área educacional.

Acredita-se que distintas concepções de língua permeiam o ambiente escolar e que todas são importantes para a compreensão da linguagem de uma forma geral. O que se quer enfatizar é que, mesmo priorizando uma determinada concepção, não há como negar por completo as outras. Seria como se proferisse que no passado não houvesse aprendizagem na escola. Entende-se que não se quer defender o uso de práticas de ensino tradicionais na atualidade, mas apenas afirmar que também partiram de estudos sérios e tentaram explicar o processo de ensino-aprendizagem, por conseguinte, essas práticas foram importantes para uma época e ainda são utilizadas em parte. Como seres humanos, instigados pelo conhecimento, justifica-se a procura por novas estratégias de ensino mais adequadas ao momento histórico e à diversidade linguística apresentada no espaço escolar.

Na sequência, será tratado a respeito dos conceitos dos gêneros discursivos e das contribuições que os estudos relacionados aos mesmos, trouxeram para o ensino-aprendizagem.

1.1 GÊNEROS DISCURSIVOS

Desde tempos remotos, os seres humanos procuraram viver em grupos para facilitar a sobrevivência, no que diz respeito à realização de tarefas, estruturas familiares, cultos religiosos, festas, entre outras. Para realização de ações coletivas, as pessoas precisavam se comunicar a respeito das formas de trabalho e para a expressão dos sentimentos. Nesse contexto, a linguagem consolidou-se como uma forma de comunicação e interação social. Para desenvolver atividades de linguagem, historicamente tem se desenvolvido modos diferentes para comunicação de acordo com as distintas situações de interação. Segundo Bakhtin (1992, p.301),

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e

relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica.

Assim, a importância dada ao trabalho por meio dos gêneros textuais deve-se ao fato de que nos estudos pertinentes a tal assunto, valoriza-se o caráter de espontaneidade próprio das interações sociais, o contato direto com a língua, as situações linguísticas em razão dos fatores sociais, culturais e geográficos de maneira que o aluno tenha um grande leque de possibilidades de usos da linguagem, podendo ajustá-la de acordo com a situação comunicativa, além de permitir a seleção de recursos adequados para melhor compreensão dos enunciados, por meio da abordagem da concepção sócio-interacionista da língua. Assim, toma-se o conceito de gênero textual, uma atividade linguística real, com uma intenção comunicativa definida, incorporando-o ao ensino-aprendizagem como uma maneira natural de se estudar as questões relacionadas à produção de linguagem, leitura e escrita.

Em conformidade com Bakhtin (1992), a compreensão dos gêneros está relacionada às determinadas esferas sociais na sua materialização, tendo em vista que as atividades humanas estão organizadas de acordo com a linguagem, sendo que estas dão forma aos enunciados, por exemplo, tem-se a esfera jurídica, na qual os advogados e juízes utilizam diversos gêneros textuais, ligados a cada procedimento específico, com vistas a distintas intenções comunicativas, porém os textos não se apresentam como formas estanques, mas relativamente estáveis, havendo, pois, relativas mudanças de acordo com os fatores históricos, culturais e tecnológicos.

Assim, segundo a perspectiva bakhtiniana para a produção e compreensão dos enunciados é de fundamental importância as figuras do enunciador e do enunciatário, posicionando-se como agentes. Nesse aspecto, o enunciador se preocupa com o seu interlocutor no momento da enunciação, com o propósito de que sua mensagem seja compreendida integralmente. Nesse sentido, produzir enunciados é levar em consideração os distintos papéis dos participantes dos discursos, adaptando os textos de acordo com o nível cultural e a faixa etária do público em questão, pensando nas características de linguagens adequadas em

cada momento particular, bem como no planejamento de estratégias capazes de transmitir a confiabilidade necessária para o alcance dos objetivos almejados.

Outro ponto a se destacar é que a competência dos usos dos gêneros textuais orais é uma característica inata do ser humano e da importância da inter-relação destes com a língua escrita. Assim, nas ações comunicativas do cotidiano, utiliza-se uma grande variedade de gêneros textuais, seja por meio da oralidade ou da escrita, de acordo com os propósitos comunicativos, situação e com o interlocutor. Os referidos textos podem estar ligados às formas tradicionais, como: cartas, bilhetes ou em formatos mais atuais entre estes, o e-mail, mensagens via celular, entre outros, havendo, pois transformações de acordo com o momento histórico e com meios tecnológicos disponíveis em cada situação.

Segundo Koch e Elias (2013, p.101),

estudiosos que objetivaram o levantamento e a classificação de gêneros textuais desistiram de fazê-lo, em parte porque os gêneros existem em grande quantidade, em parte porque os gêneros, como práticas sociocomunicativas, são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros novos gêneros.

Dessa forma, os gêneros textuais são numerosos, assim como são numerosas as práticas sociais nas quais eles são originados. De acordo com Koch e Elias (2013), os indivíduos apresentam uma competência metagenérica – uma habilidade em reconhecer uma diversidade de gêneros do discurso, isso facilita o processo de compreensão e produção dos enunciados. Nesse sentido, o gênero textual é identificado com base na composição, conteúdo, estilo, propósito comunicativo e modo de veiculação do texto. Nessa perspectiva, é possível identificar o gênero textual, mesmo se o texto se encontrar sobreposto a outro, como é o caso de uma propaganda composta no formato de palavras-cruzadas, uma charge em forma de uma piada. Assim, os sujeitos reconhecem os diversos gêneros discursivos porque percebem neles traços comuns, em se tratando do modo composicional, da estruturação que lhes são próprias e de suas intencionalidades. Dessa maneira, o que define o gênero textual não é a sua forma, mas o propósito comunicativo do produtor.

1.2 LETRAMENTO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM

Em consonância com a concepção sócio-interacionista da língua, surge o termo letramento, como uma forma de se referir aos distintos usos da escrita, relacionados às práticas sociais. Assim, os estudos sobre letramento têm como objetivo repensar o ensino-aprendizagem pelo viés da leitura e da escrita, como partes essenciais das práticas de linguagem que acontecem dentro e fora da escola, no sentido de torná-las mais significativas, incluindo a diversidade dos gêneros do discurso, inclusive aqueles relacionados às mídias sociais, multissemióticos ou multimodais, procurando aproximar as atividades realizadas na escola com a realidade vivenciada pelos educandos e com as práticas efetivas de uso da língua. De acordo com Paiva (2007, p. 130),

A noção de letramento, mais que qualquer outra, permite abordar e, em boa medida, descrever a materialidade histórica e cultural da escrita e, portanto, também da leitura. Numa perspectiva como esta, é não só possível como necessário perceber a leitura como uma articulação, a cada momento única, entre funções da escrita, valores a elas associados, formas de existência e de circulação social dos textos, efeitos de sentido decorrentes dessas condições e implicações subjetivas para os indivíduos.

Nesse sentido, é fundamental que além das competências necessárias para abordagem da diversidade de gêneros do discurso, o professor atue como modelo de leitor proficiente, organizando momentos para as diversas modalidades de leitura, compartilhamento das mesmas, criando um ambiente motivador com cartazes de estímulo, interligando atividades artísticas as leituras realizadas, como: dramatizações, pinturas, músicas, entre outras.

O atual cenário de transformações sociais, científicas e tecnológicas demanda um educador capaz de intermediar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida, na interação com os distintos grupos de educandos e com a diversidade linguística e cultural apresentada pelos mesmos.

Para Kleiman, um ponto que tem restringido a aprendizagem da escrita com relação ao letramento é o fato de que muitos professores tomam-no como um método de ensino, em virtude de acreditarem na existência de um procedimento capaz de sanar os distintos problemas de aprendizagem. A autora faz o seguinte apontamento:

Os pesquisadores que começaram a estudar em diversos países, as funções e práticas da língua escrita e seus impactos na vida social, eram cientistas sociais: sociólogos, antropólogos e historiadores que não tinham nada a dizer – porque não era sua especialidade – sobre os métodos de ensino da língua escrita (KLEIMAN, 2005, p. 9).

Segundo a autora, como esse assunto é de interesse da educação, ao chegar à escola é tomado sob a perspectiva do método, porém declara: “não existe um método de letramento”, pois “o letramento envolve a imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita”. Nesse sentido, para ampliar essa imersão, o professor pode realizar atividades, tais como:

- a) Adotar práticas diárias de leitura de livros, jornais e revistas em sala de aula;
- b) Arranjar paredes, chão e mobília da sala de tal modo que textos, ilustrações, alfabeto, calendários, livros, jornais e revistas penetrem todos os sentidos do aluno-leitor em formação;
- c) Fazer um passeio-leitura com os alunos pela escola ou pelo bairro (KLEIMAN, 2005, p. 9).

Aponta ainda que as práticas de letramento fora da escola são essencialmente colaborativas, em contraste com o caráter individual do processo de aquisição da língua escrita em ambiente escolar, próprio da alfabetização. Embora esse procedimento venha se modificando.

Quanto à inter-relação entre alfabetização e letramento, pode-se dizer que o primeiro termo designa a ação de ensinar o sistema alfabético de escrita, não necessariamente, partindo de textos reais, como é o caso das cartilhas que se baseiam no sistema fonético da língua, tendo como exemplo a frase “Ivo viu a uva”. Por outro lado, o termo letramento refere-se à utilização de textos que se configuram em reais situações de uso social, como parlendas, trava-línguas, quadrinhas, músicas folclóricas, entre outros. Os dois termos podem ser relacionados, pois é fundamental alfabetizar letrando, assim, no momento em que a criança está se apropriando do sistema de escrita é essencial que faça isso por meio de textos das práticas sociais, por exemplo, por meio da música, pode-se proporcionar várias atividades, como: selecionar palavras-chaves para o trabalho com a leitura, interpretação, escrita, canto, dramatização, entre outras. Nesse caso, enquanto o aluno foi se alfabetizando também realizou atividades próprias das práticas sociais. O que se tem constatado é que o sistema de alfabetização que utiliza gêneros

discursivos para alfabetizar, oportuniza a aprendizagem da leitura e da escrita de forma contextualizada com as práticas sociais, promovendo maior interesse nas atividades de ensino-aprendizagem.

Dentre as inovações apontadas pelas pesquisas na área da linguagem, destaca-se o trabalho com a diversidade textual para que os educandos tenham acesso às diferentes linguagens que fazem parte da sociedade. Segundo Kleiman (2005, p. 48),

O texto comum na mídia hoje é um texto **multissemiótico** ou **multimodal**: são usadas linguagens verbais, imagens, fotos e recursos gráficos em geral. Portanto não é apenas a linguagem verbal a que contribui para o sentido; a imagem se tornou uma forma de expressão e de comunicação muito poderosa.

Nesse sentido, a abordagem sobre o enunciado e gênero textual não se enquadra apenas nos aspectos linguísticos e literários, mas também na música, nas artes plásticas, entre outros. Assim, os recursos tecnológicos favorecem os meios para se trabalhar as distintas linguagens de maneiras articuladas, como alternativa de aproximar o público jovem da leitura e da escrita, em virtude de que os mesmos vivenciam linguagens híbridas no cotidiano.

Há pouco tempo atrás, quase que exclusivamente, os textos literários eram tomados como fonte de leitura, estudo de gramática e como modelos de produção textual, os quais deviam ser imitados nas produções dos alunos. Em conformidade com Paiva (2007, p.183),

A época atual nos coloca a necessidade de pensar os fenômenos da comunicação humana para além das hierarquizações que (baseando-se numa concepção de conhecimento como exercício da 'racionalidade científica') privilegiam manifestações 'canonizadas' ou mesmo o componente verbal da linguagem em detrimento da multiplicidade de sensibilidades, do constituinte não-intelectivo, das várias formas ou meios de expressão e conhecimento que constituem a experiência humana.

Acredita-se que os textos literários são fundamentais para formação do cidadão, porém a proposta de ampliação do acervo de leituras é muito bem-vinda, em face de garantir o trabalho com a diversidade linguística presente na sociedade.

Segundo Rojo e Moura (2012), os pesquisadores que estudam o letramento têm apontado a limitação do termo para designar todas as práticas sociais de uso da escrita. Seguindo essa linha de pensamento, o termo “multiletramentos” é tomado com a função de abordar a diversidade cultural e linguística presente na sociedade, de forma a considerar o plurilinguismo, a multissemiótica em uma abordagem pluralista das culturas. Conforme Rojo e Moura (2012, p. 13), o conceito de multiletramentos

aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidades presentes em nossa sociedade, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Assim, trabalha-se o gênero discursivo aliado às questões culturais e de acordo com as linguagens com as quais convivem os alunos, principalmente aquelas ligadas às novas tecnologias da comunicação e da informação, destacando a importância de que o professor conheça a realidade cultural dos educandos e se atualize em relação às TICs para obtenção de sucesso no seu trabalho, pois a nova geração, desde muito pequena, já tem acesso a computadores, celulares, máquinas digitais, dentre outras. Em conformidade com Rojo e Moura (2012, p.168),

As práticas de linguagem na contemporaneidade exigem novas reflexões no processo de ensino da leitura, já que novas são as relações multiculturais entre o que é local e global, valorizado e não valorizado; novas são as formas de circulação dos textos e as situações de produção de discursos; novos são os gêneros e as ferramentas de leitura-escrita.

Evidentemente, o professor também pode obter sucesso em seu trabalho sem usar tais equipamentos, mas é impossível que não se perceba a importância dessas ferramentas no mundo atual, entre inúmeros recursos apresentados e como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem. Assim, Rojo e Moura (2012) propõem que na elaboração das propostas pedagógicas de leitura e produção textual se levem em consideração a diversidade cultural de produção e circulação dos textos e a diversidade de linguagens que os constituem, dentro de uma abordagem de sequências didáticas.

Quanto às formas de leituras abordadas pelos multiletramentos, há aquelas destinadas a se informar, aprender, estudar um tema para avaliação, voltadas para a solução de problemas práticos do cotidiano. Outra modalidade é a leitura literária, que, a princípio, pode-se pensar que não tem um objetivo prático na vida do ser humano, porém o que se percebe com relação à leitura do texto literário é uma transformação visível na vida daquele que cultiva o gosto e o hábito por tal gênero textual.

Assim, a leitura literária propicia a humanização, na medida em que o sujeito passa a compreender melhor a si mesmo, seu semelhante e o mundo que o cerca, entre outros benefícios. Entretanto, nos últimos anos, tem-se constatado a perda de espaço da leitura de textos literários na escola, para outras formas textuais, em decorrência da visão de que é necessária a exposição dos educandos a diversidade de linguagens. Conforme Paiva (2007, p.133),

O velho hábito de não contemplar o que o texto literário tem de próprio, quando confrontado com os outros, só tem feito aumentar o esquecimento da literatura e a sensação, cada vez mais disseminada, de que é 'difícil' ou mesmo 'impossível' para o ensino fundamental.

É necessário que se realize um trabalho sistemático em torno do texto literário, tendo em vista sua importância na vida das pessoas, conforme exposto anteriormente, e pelo fato de que todos têm o direito de ter acesso à diversidade de obras literárias locais e universais.

Dentre as atitudes que não contribuem para a formação do leitor literário, têm-se aquelas que direcionam o foco de aprendizagem quase que exclusivamente para a historiografia da literatura, sem estímulo para a leitura do texto literário em si. Entende-se que, para a formação do leitor de textos literários, é necessário que se invista em atividades que desenvolvam primeiramente o gosto, por meio de motivações e modelos de leitores proficientes, compartilhamento e recomendações de leituras, entre outros. Para Paiva (2007, p.137),

é essa química – ou alquimia – especial que, acredito, precisamos (re)conhecer para nos iniciarmos na leitura literária. Entre o que já se leu diretamente e o que se sabe ainda ter pela frente, entre os cânones estabelecidos e a leitura de fêrias, entre o folheto publicitário e as biografias, constitui-se, no sujeito, uma experiência estética particular, associada aos textos culturalmente reconhecidos como literários. E

imagino, seria a busca sempre renovada da qualidade única dessa experiência que constituiria o leitor voraz.

Em conformidade com o que foi exposto anteriormente para a formação do leitor de textos literários, é necessário considerar todo o seu percurso de leituras anteriores, procurando resgatar as relações de intertextualidade, bem como do que constitui cada gênero textual em particular.

Para Cosson (2009), a leitura literária sob a perspectiva do letramento é vista como uma prática social, passível de um tratamento sistemático para que haja a formação do leitor. Nesse sentido, ele apresenta a sequência básica e a sequência expandida. O primeiro caso consiste de quatro etapas, descritas a seguir: **Motivação** - tem a finalidade de preparar o aluno para a leitura da obra, a partir de atividades dinâmicas, relacionadas ao tema em estudo, como: música, poema, apresentação de um pequeno vídeo, entre outros. **Introdução** - Apresentação do autor e da obra, procurando não se alongar muito nessa parte. Nesse aspecto, é fundamental que a obra seja apresentada em seu formato original, no caso o livro. É necessário que se apresente a capa, o título em articulação com as ilustrações, contracapa e a lombada. **Leitura** – É a fase em que se procede a leitura da obra propriamente dita. Dependendo do tamanho do livro, se faz necessário combinar com os alunos intervalos, em que se comenta sobre as impressões durante a leitura, resolução de possíveis problemas de vocabulário, tendo esses momentos, o caráter de ampliar a relação de significados das leituras até então realizadas. **Interpretação** – Situações em que as leituras realizadas serão intercaladas com outras atividades como: teatro, pinturas, interação com distintos gêneros textuais, entre outros, vindo a ampliar o universo linguístico e cultural do educando.

A sequência expandida consiste em uma representação mais aprofundada da sequência básica, com acréscimo de outros elementos, como a contextualização e a expansão dos conhecimentos adquiridos. Acredita-se que para a abordagem do texto literário em sala de aula, tanto a sequência didática como a sequência expandida, produzirão bons resultados para a formação do leitor, tendo em vista a proximidade que apresentam em relação às práticas sociais, no sentido de que para se aprender algo é preciso que haja uma mobilização para tal. Outro fato importante é a possibilidade de discussões, debates e compartilhamento das histórias pelos leitores, assim, cada participante precisa se posicionar como um agente social,

interagindo de diversos modos, fatores esses essenciais na construção de uma comunidade de leitores.

Bordini e Aguiar (1988) abordam o texto literário pelo viés do método recepcional. Segundo as autoras, isso se faz necessário como um meio de auxiliar o professor de literatura, uma vez que o livro didático não contempla as questões literárias de forma adequada, constatando-se que na maioria das vezes, os educadores que atuam nessa área ficam a mercê dos manuais didáticos, pois não dispõem de alternativas. Nesse sentido, a boa ou má formação literária dos alunos depende do entendimento e da postura desses profissionais.

Dessa maneira, as autoras propõem para o ensino-aprendizagem da literatura na escola, o método recepcional, pautado na estética da recepção, o qual se divide em cinco etapas. A saber: **Delimitação do horizonte de expectativas** – Momento em que se faz um diagnóstico das leituras de interesse dos alunos, de suas preferências temáticas, gêneros textuais, crenças e conhecimentos prévios. **Atendimento dos horizontes de expectativas** - Acolhimento aos interesses dos educandos, com apresentações de leituras literárias de acordo com as questões da primeira etapa. **Ruptura dos horizontes de expectativas** – Introdução de textos com elementos novos, porém ainda contendo elementos das obras lidas na segunda fase. **Questionamentos do horizonte de expectativas** – Comparação das duas seções de leituras realizadas nas fases anteriores, em que os discentes serão incentivados a reconhecer o enriquecimento promovido pelas leituras mais recentes. **Ampliação do horizonte de expectativas** – Esta última etapa tem como objetivo estabelecer uma discussão em torno das aquisições dos conhecimentos gerados com as leituras e suas relações com as experiências de vida e visão de mundo dos discentes.

Constata-se que as causas dos baixos índices de leitura dos educandos são consequências de diversos fatores, tais como: falta de preparação dos professores para conduzir as atividades leitoras, inadequação dos encaminhamentos para a formação de leitores apresentados nos livros didáticos, entre outros.

O desinteresse pela leitura é ainda mais evidente quando se trata da formação do leitor literário, pois, nesse sentido, a origem do problema se configura pela não distinção entre o texto não literário e literário. No primeiro caso, acredita-se que é normal uma abordagem com a finalidade de apontar elementos textuais de uma forma pragmática, focalizando as situações de uso e a interpretação ancorada

no texto em si. Por outro lado, nos textos literários há o fator literariedade, que além dos significados perseguidos por seus autores, carecem dos conhecimentos prévios dos leitores para a concretização dos propósitos das obras literárias que são justamente promover a multiplicidade de sentidos entre texto, produtor e leitor. Assim, quando se trabalha literatura na perspectiva da resposta única, esta perde a sua especificidade, sendo tratado como um texto não literário. O texto literário requer uma estratégia diferenciada dos demais gêneros em virtude de sua especificidade de estilo e imagens. Uma HQs poderá ser lida por duas vias: a não literária e a literária. Há HQs que possuem elementos literários e devem ser tratadas com rigor de método de leitura, uma vez que os recursos de linguagem presentes no texto literário retardam o entendimento do aluno, quando se tratam de figuras, característica primordial da literatura. Entende-se que não se pode colocar as HQs na mesma linha tipificada dos demais gêneros, quando esta apresenta teor literário. O tratamento do texto demanda atividades específicas para seu entendimento.

As autoras Bordini e Aguiar (1988) procuram tratar o tema em questão na perspectiva do atendimento do interesse do leitor, partindo do simples para o complexo, ou seja, dos conhecimentos prévios dos educandos, buscando ampliação dos saberes.

1.3 LITERATURA E HQs: DIÁLOGOS ENTRE AS LINGUAGENS

Há uma inter-relação entre a literatura e as histórias em quadrinhos. Alguns veem os quadrinhos como uma forma de literatura, outros como uma linguagem independente. Ramos (2010) aponta que, até algum tempo atrás, os quadrinhos eram vistos como uma manifestação de literatura com a finalidade de agregar um rótulo socialmente aceito a essa linguagem. Evidencia, no entanto, que ambas são formas de arte autônomas que dialogam entre si. Nesse sentido, a linguagem da literatura consiste no emprego de palavras e em prosa ou poesia. A linguagem das HQs, por conseguinte, é composta por palavras e imagens, mas em sua arquitetura consta a presença da narrativa sequenciada. Dessa maneira, as HQs apresentam constante diálogo com outras linguagens. Ramos (2010, p.10) entende que “quadrinhos são quadrinhos”. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Há muitos

pontos comuns com a literatura, evidentemente. Assim, como há também com o cinema, o teatro e tantas outras linguagens.

Portanto, as HQs se apropriam dos elementos da literatura, como também incorporam elementos do cinema, do teatro e de outras formas de arte. Logo, as distintas formas de arte dialogam entre si, quando utilizam elementos comuns, mas se distinguem justamente no momento em que as HQs definem caracteres próprios em sua constituição, como é o caso dos balões, requadros, onomatopeias, dentre outras. Cabe ressaltar que a linguagem das HQs abarca em sua constituição elementos literários que consistem na configuração de um personagem, por exemplo, desenhado na literatura por um conjunto de características agregadas ao espaço em que circula e ao tempo vivido. O mesmo personagem em HQs é desenhado e dependendo de sua ação, poderá ser representado num balão pontiagudo para indicar irritação.

Ainda a respeito da inter-relação entre as referidas linguagens, destacam-se as adaptações de obras clássicas para os quadrinhos desde a década de 50 do século XX e, mais recentemente, a inclusão de HQs na lista do PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola), programa do governo que distribui livros nas escolas, principalmente dos clássicos adaptados para os quadrinhos. Para tanto, os roteiristas e ilustradores precisam conhecer com profundidade a obra original para produzirem adaptação que não seja considerada cópia do original, mas uma releitura, com acréscimo de elementos relacionados, suscitando outros sentidos no leitor, diferentes daqueles do texto original. A leitura da adaptação não dispensa a leitura do clássico, pois ambas as obras se apresentam como leituras que se complementam. O ideal é fazer um trabalho que envolva as duas leituras, redimensionando os sentidos.

1.4 HISTÓRIA DAS HQs

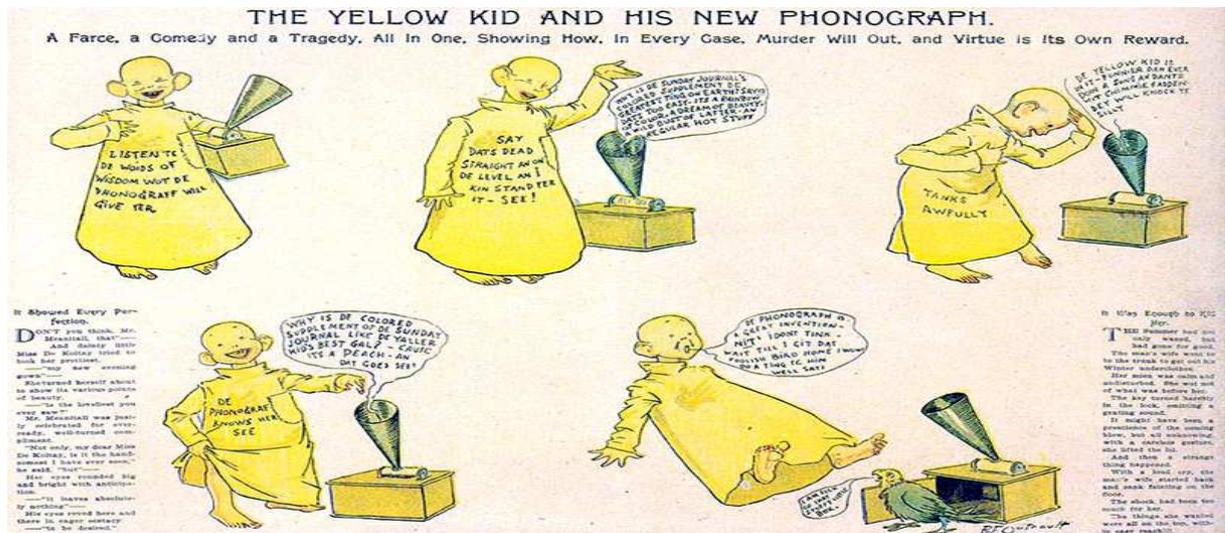
Não há unanimidade entre os pesquisadores quanto à data de surgimento da primeira história em quadrinhos com textos e imagens como a conhecemos na atualidade. Porém, desde épocas remotas, o homem primitivo registrava nas paredes das cavernas figuras de animais e outros elementos de sua realidade, os quais serviam para comunicação entre os seus grupos; tais ilustrações se encontram

ainda visíveis, utilizadas como fonte de estudo das antigas civilizações. De acordo com Chiappini (1997, p.125),

as figuras egípcias, os murais fenícios, as pinturas renascentistas, até o grafite mais moderno vão registrando iconicamente todas as histórias da humanidade, compondo uma vasta história em quadrinhos. Entretanto, se considerarmos a HQ num sentido mais restrito, como a história em quadrinhos sequenciais, constituindo um meio de comunicação em massa por sua reprodução em quantidade, esta só surge no século XIX.

Há pesquisadores que tomam a data de 1896, com o personagem Yellow Kid (garoto amarelo) da obra do americano Richard Outcault, como pioneira das histórias em quadrinhos. Tal personagem apresentava-se vestindo um roupão amarelo, com textos escritos no vestuário, no formato de uma história sequenciada, porém, ainda não havia os balões como as HQs atuais.

Figura 01 – The Yellow Kid (Garoto amarelo) – para determinados pesquisadores, é considerado o primeiro exemplar de histórias em quadrinhos.



Fonte: www.google.com.br/search?hl=pt- (2015).

Posteriormente, as histórias em quadrinhos foram surgindo em vários países, com diferentes temas e direcionadas a distintos públicos. Tal foi o interesse dos jovens pelas HQs que houve suspeitas por parte de pais, professores e autoridades religiosas, em serem enquadradas como leitura inapropriada para o público infantil e juvenil. Assim, em 1954, nos Estados Unidos, o psiquiatra Frederick Wertham publicou o livro *A sedução dos inocentes*, no qual acusava as

HQs de corromper os ideais das crianças e dos jovens. A publicação ganhou adesão de diferentes segmentos sociais, chegando ao ponto de delimitar as produções do gênero.

O Brasil também aderiu ao movimento com a criação de um selo que restringia a publicação. Assim, as editoras só poderiam comercializar as HQs se aprovadas mediante incorporação de tal selo, comprovando que não possuíam textos ou imagens inadequadas ao público infantil e juvenil. Um fato curioso é que os alunos não poderiam trazer as suas HQs para o ambiente escolar, sob pena de serem recolhidas pelos professores. Com o passar do tempo, tais atitudes foram repensadas e entre os aspectos positivos das HQs, passaram a serem vistas como um dos meios de desenvolver o gosto pela leitura e também como uma ferramenta de aprendizagem. De acordo com Vergueiro e Ramos (2013, p.9),

a última virada de século marcou não apenas uma mudança cronológica. Sob vários aspectos, representou também o coroamento de uma nova fase para as histórias em quadrinhos no Brasil, que já encontravam em processo de reavaliação. Por um lado, gradativamente elas passavam a ser entendidas pela sociedade não mais como leitura exclusiva de crianças, mas, sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber que podia atingir diversos públicos e faixas etárias. Por outro lado paulatinamente deixavam de ser vistas de forma pejorativa ou preconceituosa, inclusive nas áreas pedagógica e acadêmica.

Após o período em que as HQs foram censuradas, procurou-se aprofundar os conhecimentos sobre a linguagem dos quadrinhos, bem como oferecer subsídios para os professores desenvolverem propostas de ensino-aprendizagem com abordagem da arte sequenciada. Na prática os quadrinhos são bem aceitos por crianças em fase de aquisição do processo de leitura e escrita, sendo capazes de contar a história sugerida por meio das imagens e de outros elementos, mesmo sem saber ler convencionalmente. Tal procedimento acelera o processo de aquisição da escrita, provocando a curiosidade ao relacionar narrativa verbal com os elementos visuais. As HQs podem ser utilizadas em qualquer turma ou nível de ensino, a partir de estratégias adequadas para as diversas situações.

Pode acontecer que o leitor iniciante de HQs demonstre dificuldade para a compreensão integral dos enunciados, porém com a prática e a articulação do texto verbal ao imagético, virá apresentar desempenho crescente na leitura do gênero textual em questão.

Dorfman e Mattelart (2002) apresentaram uma análise dos produtos da comunicação de massa, com destaque para as produções da Disney, em especial as histórias em quadrinhos. Eles citaram que as HQs atuam em nosso imaginário há muito tempo, alterando nossas representações coletivas. Para os autores, nas produções das histórias em quadrinhos da Disney, entre elas as tiras diárias em cadeias de jornais, suplementos coloridos dominicais, filmes de animação de curta e longa metragem não se valorizam as questões autorais. Segundo os autores, esse sistema de organização tem transformado a Disney em uma empresa milionária. Dorfman e Mattelart não viam com bons olhos esse processo devido à carga de ideologia disseminada entre os leitores ao entrarem em contato com o referido material. Citam, como exemplo, que nas HQs (Tio Patinhas, Donald e sobrinhos) não constam as figuras do pai e da mãe, passando, assim, a imagem da falta de cuidados necessários na vida das crianças; interesse puramente financeiro nas relações pessoais; classificação dos povos estrangeiros como atrasados e ingênuos; e a figura da mulher ligada aos afazeres domésticos. Tal obra apresenta uma análise profunda das ideologias agregadas à comunicação de massa, com especialidade para os produtos da Disney.

Cientes do poder que tais produtos possuem, entende-se que não é possível um julgamento rígido de que as histórias em quadrinhos surtam efeitos positivos ou negativos em seus leitores, isso decorre das estratégias de leituras direcionadas a elas. Nesse sentido, desde pequenas, as crianças estão expostas a uma diversidade cultural como programas de TV, vídeo games, músicas, danças, entre outros. Acredita-se que realmente tudo isso esteja incorporado na vivência da criança e do adolescente e que de certa forma, influenciam nas personalidades. Por outro lado, os próprios programas de televisão já exibem expressões indicativas da faixa etária a que são direcionados, embora questionáveis. Além disso, os pais são responsáveis por decidir a respeito do que os filhos podem ou não assistir e os horários adequados. O ideal seria que, além de tais restrições, a escola e a família disponibilizassem para a criança e o adolescente uma variedade de atividades, combinadas entre si, com uma postura crítica frente às diferentes linguagens, questionando o que estas contribuem na vida das pessoas, o que apresentam de positivo ou negativo, entre outros.

Ainda em relação às críticas feitas às HQs por Dorfman e Mattelart (2002) com relação a não presença do pai e da mãe, o interesse puramente financeiro nas

relações pessoais, a figura da mulher ligada aos serviços domésticos, entre outros, evidencia-se que não necessariamente os aspectos citados serão os mesmos percebidos por todos os leitores, e que, num processo de leitura em que os sentidos são construídos a partir da negociação entre os interlocutores, por meio de uma situação dialógica, os educandos serão convidados a se expressarem a respeito de tais atitudes, construindo, assim, em conjunto com o professor, uma nova visão das questões levantadas.

Outro ponto a se destacar é quanto à relação entre a comunicação de massa e a democratização da sociedade. Em uma sociedade democrática tem-se a liberdade para realizar as ações desejadas, desde que se respeite a individualidade do outro. Nessa perspectiva, é fundamental que a escola considere as diferentes manifestações culturais dentro de uma abordagem crítica, sobretudo de respeito. Não têm fundamento as atitudes de restringir o acesso das crianças e dos adolescentes aos produtos culturais, muito menos adotar uma atitude de depreciação com relação a alguns materiais, mas sim fazer uso de distintos meios, procurando desenvolver a criticidade, na medida em que o professor questione os educandos quanto às ideologias cristalizadas em tais obras, questões éticas presentes nas práticas sociais e a partir dos conhecimentos e interesses locais amplie os horizontes dos sentidos, fazendo uso de distintas linguagens de maneira a fornecer os meios para que o aluno se desenvolva de forma integral.

Consoante às pesquisas realizadas com o objetivo de melhor compreender os elementos constitutivos das HQs, para ampliação dos sentidos dos enunciados, será feita a seguir uma apresentação sucinta da linguagem característica, no intuito de elucidar o objeto de estudo.

1.5 LINGUAGEM DAS HQs

As Histórias em Quadrinhos são compostas por uma linguagem híbrida que articula escrita e imagem, em que uma é complementar a outra. Assim, para que se possa compreender e interpretar os quadrinhos é necessário que se considere os aspectos visuais: desenhos, balões, vinhetas, requadros, onomatopeias, entre outros. Também é fundamental conhecer os significados dos diversos elementos constituintes para que se infira os significados de maneira adequada. Para Kleiman (2005, p. 50),

embora a escola privilegie o letramento com foco na linguagem verbal, não faz sentido relegar a um segundo plano os conhecimentos sobre textos multimodais, que a maioria dos alunos já tem, assim como faz todo sentido ensinar o aluno a interpretar a linguagem imagética, para ler também nas entrelinhas de algumas imagens que só tentam vender, manipular, banalizar e reproduzir o pior que a sociedade tem oferecer.

Em conformidade com a autora, destaca-se a importância de se utilizar distintas linguagens na prática educativa, pelo fato de que a aprendizagem acontece de forma complexa e que o uso de diferentes recursos articulados entre si oportunizam melhores situações de ensino-aprendizagem.

Quanto à narratividade presente nas HQs a sucessão dos requadros transmite a noção de tempo, algumas vezes, representado nas legendas no uso de expressões, como: logo depois, no dia seguinte. Nesse caso, não há a necessidade de descrição de ambientes por meio do texto verbal, uma vez que o procedimento é feito por meio de desenhos representativos que torna possível compreender a história apenas observando a sequência das ações que ocorrem nos quadrinhos. Quanto à classificação das histórias em quadrinhos, Ramos (2010) aponta para o fato de que distintos gêneros são agrupados dentro de um mesmo rótulo que compartilham da linguagem narrativa. Tal afirmação é feita com base no conceito de hipergênero, sendo este um rótulo maior que englobaria outros gêneros discursivos:

Seguimos, neste estudo, a linha teórica que vê os quadrinhos como um grande rótulo que agrega vários gêneros que compartilham uma mesma linguagem em textos predominantemente narrativos. Podem ser abrigados dentro desse grande guarda-chuva chamado quadrinhos os cartuns, as tiras cômicas, as tiras seriadas e os vários modos de produção de histórias em quadrinhos (RAMOS, 2010, p.21).

Ainda de acordo com os estudos de Ramos (2010), as HQs podem ser assim denominadas: **Charge** – texto humorístico com abordagem de fatos ou temas que estão na mídia, fazendo uma recriação destes em forma de ficção; **Cartum** – gênero primordialmente humorístico, composto geralmente por um quadro apenas, distingue-se da charge, principalmente, por não focalizar os temas que estão na mídia; **Tira cômica** – é caracterizada pela temática relacionada ao humor, texto curto, composto por um ou mais quadrinhos, personagens que podem ser fixos ou não, narrativa com desfecho inesperado no final, texto híbrido de piada e quadrinhos; **Tiras cômicas seriadas** “(podem ser chamadas também de tiras de

aventuras). Estão centradas numa história narrada em partes. É um mecanismo parecido com o feito nas telenovelas” (RAMOS, 2010, p.21). Geralmente, em período posterior, elas são reunidas no formato de revistas ou livros. Segundo Ramos (2010, p. 27), “merece menção o fato de que esse gênero quase inexistente no Brasil, embora já tenha sido muito popular no país. Ainda é produzido nos Estados Unidos e, até alguns anos atrás, na Argentina”; **Tira cômica seriada** – “trata-se de um texto que usa elementos próprios às tiras cômicas, como o desfecho inesperado da narrativa, que leva ao efeito de humor, mas, ao mesmo tempo, a história é produzida em capítulos” (p.27) e **História em quadrinhos mais longa** – esta modalidade, de acordo com Ramos (2010, p. 29)

é a base de uma série de outros gêneros. Em comum, esses textos têm a característica de serem publicados em suportes que permitem uma condução narrativa maior e mais detalhada. É o que ocorre com as revistas em quadrinhos, com os álbuns (nome dado a edições parecidas com livros) e com a página dominical (termo usado para definir as histórias de uma página só publicadas em geral nos jornais).

Figura 02 - Charge



Fonte: www.google.com.br/search?q=charge&e (2015).

Figura 03 - Cartum



Fonte: www.google.com.br/search? (2015).

Figura 04 – Tira cômica

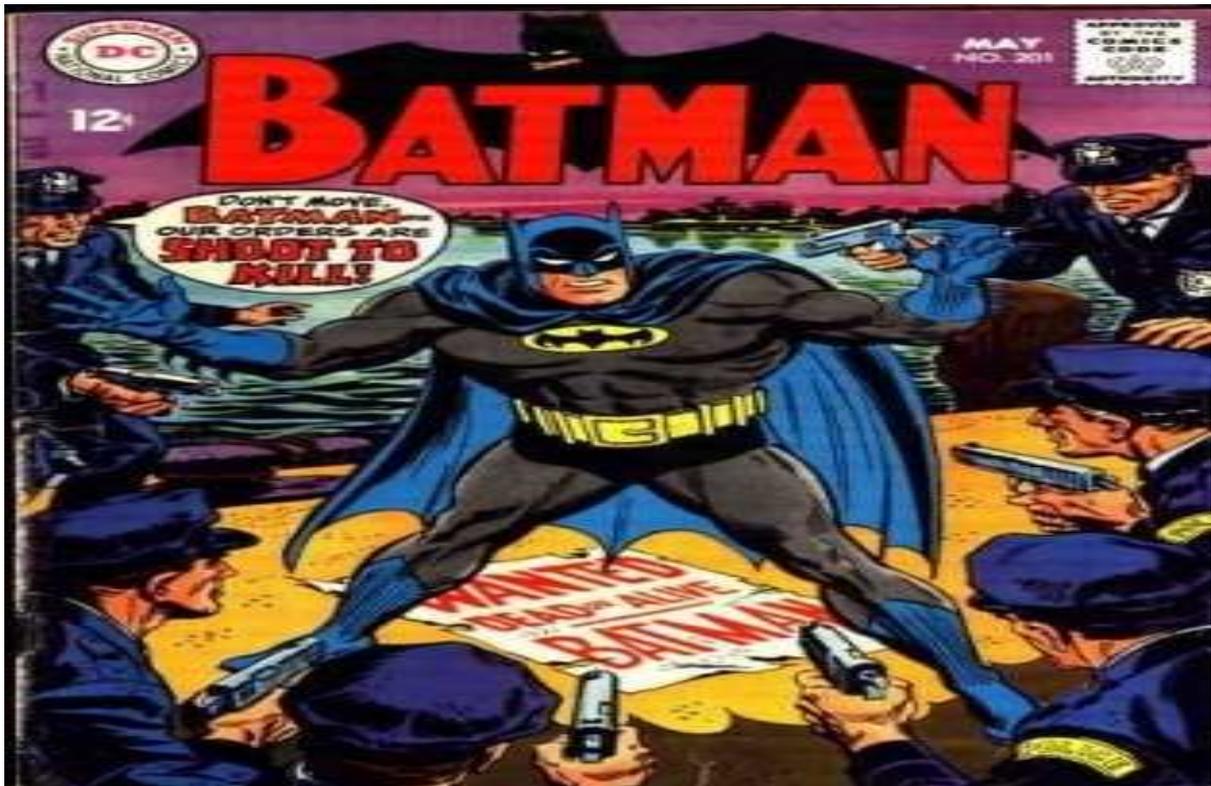


Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6687

Fonte: www.google.com.br/search?q=cartum (2015).

Figura 05 – História em quadrinhos mais longa



Fonte: www.google.com.br/search?q=capas+de+Hqs (2015).

Quanto à justificativa da diversidade temática do gênero dos quadrinhos, o referido autor expõe que

é um assunto complexo e que precisa de um estudo mais aprofundado. Mas podem-se ver algumas tendências. Parece haver um maior interesse em rotular tais gêneros pela temática da história: super-heróis, terror, infantil, detetive, faroeste, ficção científica, aventura, biografia, humor, mangá (nome dado ao quadrinho japonês e seus diferentes gêneros), erótica, literatura em quadrinhos (adaptação de obras literárias), as extintas fotonovelas, o jornalismo em quadrinhos (reportagens feitas na forma de quadrinhos) (RAMOS, 2010, p.29).

Ainda em relação a sua configuração, a participação do narrador nas HQs pode ser constatada no canto superior esquerdo da página ou no canto inferior esquerdo, em espécie de balão com formato retangular ou quadrado, denominado legenda, apresentando-se como narrador-onisciente ou narrador-personagem. A esse elemento, Ramos (2010, p.50) refere-se assim:

Defendemos que não é apenas o narrador onisciente que tem direito ao uso da legenda. O narrador-personagem também pode se apropriar do recurso.

É comum em algumas histórias o aparecimento do rosto do personagem, de modo a identificá-lo como o narrador daquele trecho, geralmente fazendo menção a um fato no passado (ou flashback).

Figura 06 - Legenda representando narrador onisciente (3ª pessoa)



Fonte: www.google.com.br/search?q=imagens+de+legendas+de+historia (2015).

Figura 07 – Legenda representando o narrador-personagem (1ª pessoa).



Fonte: www.google.com.br/search?hl=pt-BR& (2015).

Nesse sentido, destacam-se, também, em sua configuração, os balões, definidos como espaço contornado por uma linha fechada com rabicho ligado aos

personagens indicando quem está falando ou pensando; revelam humor, susto, grito, medo, frieza, amor, entre outros. Apresentados em diferentes formatos, de acordo com o que estão representando. Ramos (2010, p.33) sugere a seguinte definição: “o recurso gráfico seria uma forma de representação da fala ou do pensamento, geralmente indicado por um signo de contorno (linha que envolve o balão), que procura recriar um solilóquio, um monólogo ou uma situação de interação conversacional”.

Assim, apesar de haver certo consenso por parte dos estudiosos do assunto quanto ao formato dos balões, o que vale neste aspecto é a criatividade dos autores de HQs na criação de novas formas, com vistas a facilitar a compreensão dos enunciados nesses ambientes, como é o caso de Ziraldo, criador do personagem Menino Maluquinho que usa traços em substituição aos rabichos dos balões. Outros autores fazem questão de não colocar os rabichos, ou mesmo os balões, dependendo do tema tratado nas HQs. Tais alterações visam a tornar ainda mais claras as mensagens veiculadas nesses espaços.

Figura 08 – Alguns tipos de balões



Fonte:

www.google.com.br/search?q=imagens+de+legendas+de+historia+em+quadrinhos&espv=2&biw=1360&bih=667 (2015).

As onomatopeias representam os sons naturais e artificiais por meio da escrita, como: toc, toc, toc (batida na porta), tchibum (pulando no rio), atchiim

(espirro), entre outras. É como se o leitor pudesse ouvir tais sons durante a leitura, fazendo uma aproximação com o que assiste na TV ou no cinema, como se a história acontecesse em tempo real. As onomatopeias são dispostas fora dos balões, escritas com letras maiores, próximas aos locais em que acontecem determinados sons. Também nesse caso, o que vale é a criatividade dos autores para criação de novas onomatopeias, as quais conseqüentemente ampliarão os sentidos das mensagens das HQs.

Figura 09 - Onomatopeias



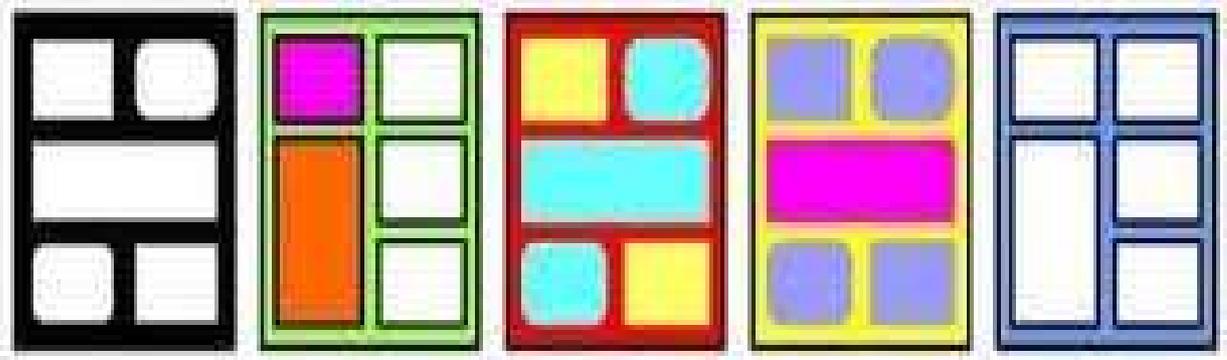
Fonte:

www.google.com.br/search?q=onomatopeia&espv=2&biw=1360&bih=667&site=webhp&source= (2015).

O requadro, cercadura ou vinheta é o espaço em que acontecem as ações, geralmente com o formato quadrado ou retangular, porém pode se apresentar em outros formatos, com diagramação moderna, formas circulares, diagonais ou semelhantes a um labirinto, com vistas a tornar as HQs mais dinâmicas. As linhas que contornam os requadros denotam diferentes significados, por exemplo: linhas contínuas indicam que a ação está acontecendo no momento presente, linhas pontilhadas apresentam os acontecimentos em um tempo passado, como os sonhos. Nesse sentido as linhas não fecham, nem enclausuram as imagens, pelo

contrário, há autores que dependendo da situação, desenham parte das cenas fora dos limites dos quadrinhos, evidenciando assim maior abrangência da narrativa.

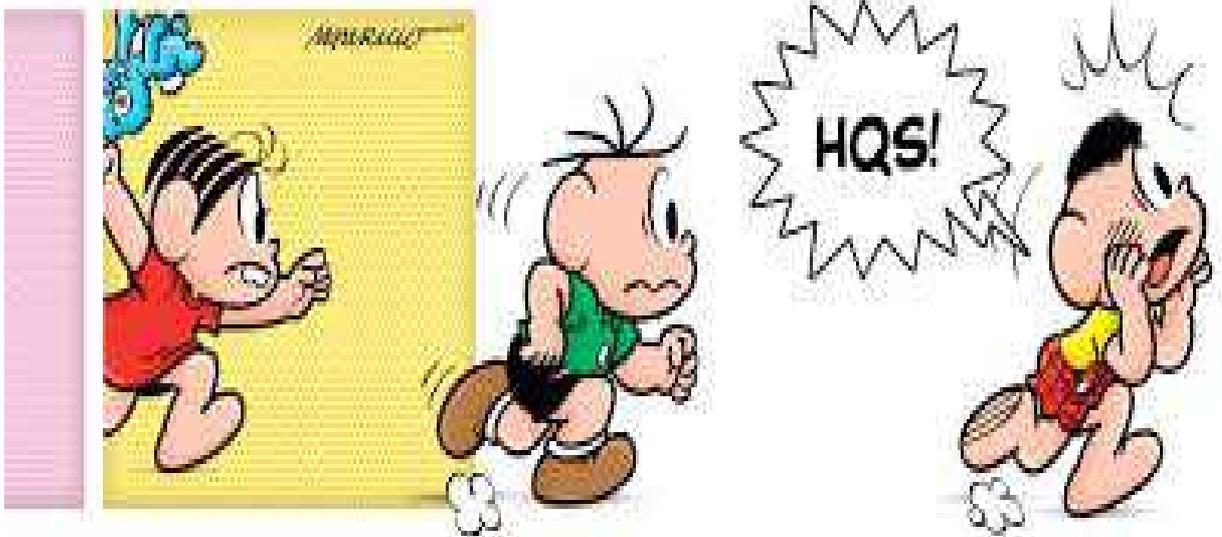
Figura 10 – Requadro, cercadura ou vinheta



Fonte: www.google.com.br/search?q=historias+em+quadrinhos+-+requadros&espv (2015).

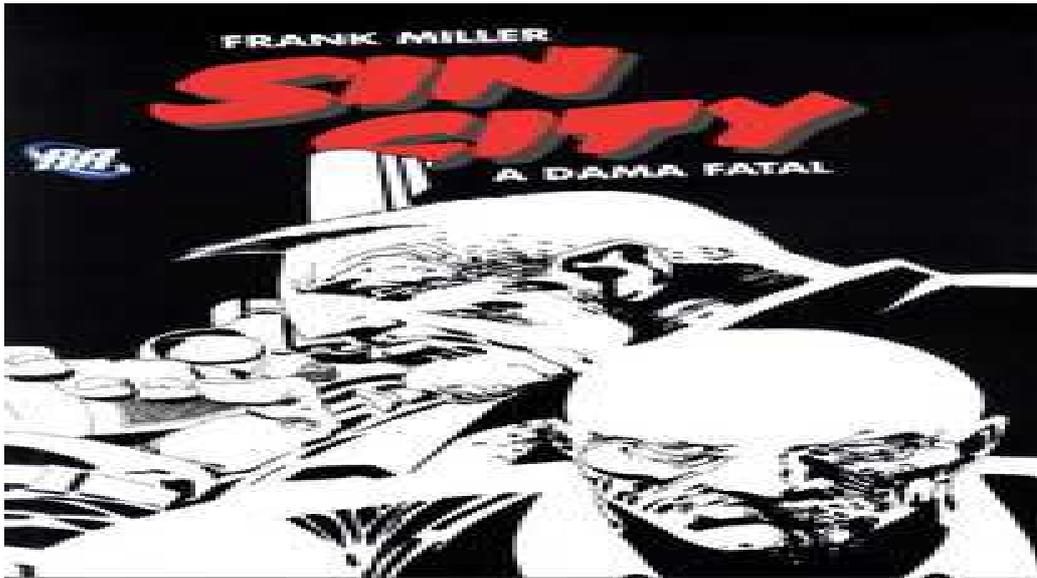
Quanto às cores que compõem as HQs, podem representar os sentimentos e emoções dos personagens: raiva, tristeza, alegria, caracterização singular, como a cor verde do Incrível Hulk, a cor vermelha do vestido da Mônica, as cores da bandeira norte-americana que compõem o vestuário do Capitão América. O preto e o branco podem indicar o estilo de determinados quadrinistas, ou mesmo por razões econômicas, procurando diminuir os gastos com as produções.

Figura 11 – A cor como elemento identificador dos personagens



Fonte: <https://www.google.com.br/search?> (2015).

Figura 12 – Preto e branco representação do estilo do autor



Fonte:

[https://www.google.com.br/search?q=historias+em+quadrinhos+sin+city&espv=2&biw=1360&bih=667&source=Inm\(2015\).](https://www.google.com.br/search?q=historias+em+quadrinhos+sin+city&espv=2&biw=1360&bih=667&source=Inm(2015).)

1.6 HQs E ENSINO-APRENDIZAGEM

Com as mudanças no sistema de ensino-aprendizagem introduzidas pelos PCNs, entre elas a necessidade do trabalho com a diversidade de gêneros textuais como situações adequadas para o desenvolvimento de atividades articuladas de leitura, interpretação e produção textual, evidencia-se a necessidade de ampliar os conhecimentos em tais aspectos, objetivando fornecer aos professores um acervo em que possam recorrer para potencialização de experiências. Neste sentido, os pesquisadores das Histórias em Quadrinhos vêm apresentando uma série de sugestões de trabalhos envolvendo o referido gênero de texto, esse cenário tem favorecido a presença das HQs nas práticas educativas da escola. De acordo com Vergueiro e Ramos (2013, p.10),

os parâmetros da área de Artes para a 5ª e 8ª séries mencionam especificamente a necessidade de o aluno ser competente na leitura de histórias em quadrinhos e outras formas visuais, como publicidade, desenhos animados, fotografias e vídeos.

A partir da constatação acima, percebe-se a necessidade de incorporar as HQs na sala de aula como objeto intermediador de ensino-aprendizagem, sem

perder de vista a necessidade de estudos específicos por parte dos professores para que possam desenvolver a prática de leitura, escrita e interpretação de forma eficaz, atendendo às peculiaridades de sua composição.

Em relação às adaptações literárias para os quadrinhos, Vergueiro e Ramos (2013) apontam que a inclusão destas nas listas do PNBE - programa do Governo que faz a distribuição de livros nas escolas - impulsionou o mercado, pois em consequência disso, as editoras e os quadrinistas passaram a investir nesse ramo no intuito de negociar com o Governo suas coleções. Assim, houve uma releitura de tal gênero textual, constatando a riqueza pertinente a essa linguagem, por abordar eventos verbais e não verbais, por facilitar o processo de leitura e escrita dos alunos, bem como apresentar temáticas estendidas a qualquer área do conhecimento. Por conseguinte, foram adaptados para os quadrinhos clássicos da Literatura, como: *Os Lusíadas* (Luiz Vaz de Camões, 1572), *A cartomante* (Machado de Assis, 1884), *O Guarani* (José de Alencar, 1857), *Jubiabá* (Jorge Amado, 1935), *O pagador de promessas* (Dias Gomes, 1959), *A relíquia* (Eça de Queirós, 1887), entre outros.

Como acontece com qualquer obra adaptada para outros meios, tais como o cinema, o teatro e a TV, as adaptações literárias para os quadrinhos também sofrem juízo de valor de seus leitores e críticos. Nessa perspectiva, há quem diga que uma boa adaptação é sinônimo de um alto grau de proximidade com a obra adaptada; outros veem como aspectos positivos, a criatividade do adaptador ao incorporar novos elementos, ampliando as possibilidades de leitura. No caso dos quadrinhos, seriam fatores importantes, por exemplo, os aspectos relacionados ao enquadramento, situando o leitor de diferentes formas durante a leitura, ora levando-o a participar mais efetivamente da história, ora distanciando-o da narrativa, como meio de produzir novas leituras a partir da obra adaptada. Ainda com referência às intervenções do adaptador, podem ser citados os diferentes traços, evidenciando questões estilísticas e as tonalidades de cores, elementos que podem ser analisados a partir das distintas adaptações de uma mesma obra literária. Desta forma, destaca-se a importância do trabalho com as adaptações literárias para os quadrinhos, como meio de aproximar os alunos das obras originais, pois a leitura dos clássicos, muitas vezes não desperta a atenção dos jovens, nesse caso, as adaptações podem motivá-los a ler os textos originais.

Quanto às propostas de ensino-aprendizagem possíveis de serem realizadas em relação às HQs, Vergueiro e Ramos (2013, p.43) apontam as

biografias de pessoas ilustres, como Santos Dumont, para o trabalho em sala de aula. Em relação a elas, declaram:

As biografias se caracterizam como descrições ou histórias da vida de pessoas que fizeram ações significativas em algum contexto histórico. As biografias começaram a ganhar algumas versões em quadrinhos, que abriram espaços para histórias que não fossem apenas para o entretenimento, estabelecendo uma aproximação com temas ligados à educação.

Nesta perspectiva, eles apresentam uma proposta interdisciplinar sobre a história de Santos-Dumont, por meio da obra *Santô e os pais da aviação*, lançada em 2005, e elaborada pelo quadrinista Spacca. Quanto ao uso das HQs de aventura em sala de aula, Vergueiro e Ramos (2013, p.74) recomendam:

Introduzir a leitura de aventuras (seja na forma de quadrinhos seja na forma de prosa literária tradicional) no contexto escolar, realizada na própria sala de aula ou como tarefa escolar a ser cumprida fora do horário de aula, pode tanto ser um modo de incentivar e desenvolver a prática de leitura entre os estudantes quanto de despertar o interesse desses por novos assuntos, contribuindo, assim, para o aumento da bagagem cultural do alunado.

Concorda-se com os autores pelo fato do gênero aventura ser uma leitura que chama a atenção dos adolescentes por abordar temas instigantes que envolvem mistério, suspense e provocam a curiosidade, vindo ao encontro dos interesses do leitor. Deve-se, no entanto, atentar para que as leituras sejam intermediadas pelo professor, adotando o comportamento de leitor real e não apenas de um avaliador. Outras propostas de ensino-aprendizagem podem ser realizadas mediante a seleção de HQs com abordagens de temas que fazem parte dos conteúdos programáticos da escola, tais como: saúde, alimentação, doenças, trânsito, entre outras, as quais podem ter um caráter interdisciplinar ou também envolver apenas uma disciplina. Entende-se que, pelo fato de tais conteúdos estarem formatados no ambiente das histórias em quadrinhos, os alunos sentir-se-ão motivados a estudar tais assuntos com maior interesse.

As propostas de ensino-aprendizagem apresentadas nesta pesquisa não pretendem supervalorizar o gênero textual HQs em detrimento dos demais, e sim, demonstrar que com a utilização do mesmo, é possível aprimorar distintas práticas

de linguagens: leitura, interpretação, análise linguística e produção de forma contextualizada, assim como se acredita que é pertinente fazer da mesma forma com qualquer gênero discursivo. Nessa perspectiva, destaca-se a importância da presença da diversidade de gêneros textuais na sala de aula, assim como são diversas as práticas sociais e as variedades linguísticas.

Na perspectiva do trabalho escolar a partir dos gêneros discursivos, surge na França, a denominação Sequência Didática, proposta por Schneuwly, B., Dolz, J. et al. (2004) com o objetivo de desenvolver um ensino significativo e contextualizado da língua nas situações reais de uso oral e escrito, apresentando um panorama bem detalhado de como elaborar propostas de ensino-aprendizagem com os gêneros textuais de forma a auxiliar o aluno na compreensão de um gênero do discurso, para que o mesmo venha manifestar com segurança numa dada situação de fala ou escrita. Sendo composta por um conjunto de atividades organizadas de forma sistemática em módulos, em torno de um gênero oral ou escrito.

A Sequência Didática compõe-se de partes distintas: **Apresentação da situação** – tem como objetivo apresentar para os alunos o gênero textual a ser trabalhado e qual a forma de circulação adotada na fase final. A apresentação do gênero discursivo poderá ser feita por meio da leitura de um exemplar do gênero selecionado para estudo, bem como de uma explanação superficial de suas características, para que o aluno possa ativar os conhecimentos prévios e já se preparar para a escrita; **Produção inicial** - nesta fase será solicitado ao aluno que produza um texto do gênero em estudo, com base nos conhecimentos adquiridos até então. Não há necessidade de corrigir esse trabalho inicial, porém deve ser recolhido para análise do que o aluno já sabe sobre o gênero, para, a partir dos conhecimentos constatados, propor as atividades dos módulos, objetivando ampliar o avanço da aprendizagem ainda não consolidada a respeito de tal gênero discursivo; **Módulos** - as atividades propostas nos módulos giram em torno de leituras com finalidades específicas, como ler para resolver problemas de coerência, coesão, para adequar o discurso aos interlocutores, para apreender os significados do texto, entre outros. A escrita apresenta-se de forma contextualizada com a leitura, sendo necessário ler para escrever e escrever para ler, necessitando às vezes de múltiplas reestruturações para que o discurso se torne adequado à situação comunicativa de forma que a quantidade de módulos poderá ser maior ou menor de acordo com as necessidades de aprendizagem de cada turma e do gênero

trabalhado; **Produção Final** - após o estudo dos módulos, chega-se à produção final, com apresentação de um produto originado de um processo interativo de linguagem, passível de avaliação formativa, materializada nas aprendizagens consolidadas no desenvolvimento dos módulos de ensino. Para que as produções adquiram sentido, é necessário que haja a socialização do texto produzido, ocasião em que os alunos escritores terão a oportunidade de apresentar seus conhecimentos a outras turmas e para a comunidade escolar. Além das sessões de oralidade citadas, é importante que sejam divulgadas nas redes sociais, estabelecendo um vínculo com as novas tecnologias presentes na vida dos educandos, incentivando-os, assim, a desenvolverem o gosto pela leitura e produção, visto que o destinatário dos textos não são apenas os professores, com simples objetivo de apontar inadequações, mas como um produto de comunicação real. Na sequência será apresentada a metodologia que direcionou a referida proposta de ensino-aprendizagem.

2 METODOLOGIA

A execução desta proposta de ensino-aprendizagem fundamenta-se em recentes pesquisas no âmbito educacional, envolvendo a concepção sócio-interacionista da língua, sendo vista como atividade social, histórica, cognitiva e lugar de interação; envolvendo o produtor e o leitor de texto; parceiros; e agentes da construção dos sentidos. Na compreensão dos textos, são considerados os conhecimentos prévios, elementos internos e externos ao texto. Assim, para a realização desta atividade foram eleitos os gêneros textuais para leitura e escrita e por apresentarem situações reais de comunicação, finalidades comunicativas, e articulação com as práticas sociais adotou-se a sequência didática para abordagem dos gêneros textuais como forma de se trabalhar a oralidade e a escrita de maneira integrada. Também foram utilizadas as novas tecnologias da informação, como recurso para tornar as aulas mais dinâmicas e voltadas para a realidade vivenciada pelos alunos.

2.1 DO LOCAL DE APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A Escola Municipal de Educação Básica Silvana atende alunos do Ensino Infantil e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com atuação em horário integral. No período matutino, das 7:00 às 11:00 horas, são ministradas aulas constantes no currículo das demais escolas do município. Em seguida, as crianças têm um intervalo até as 12:00 horas, dedicado ao almoço e descanso, voltando às atividades a partir do meio-dia até às 15:00 horas. Após esse horário, retornam para suas casas. No período vespertino, são ofertados diferentes projetos, entre eles esporte, artes, horta e brincadeiras. Atendendo às determinações da direção da escola, a sequência didática “As HQs como ferramentas de incentivo à leitura e à produção textual” foi realizada no período vespertino, com a justificativa de que o horário matutino seria mais indicado para a realização das atividades curriculares comuns às demais escolas e o período da tarde para a efetivação dos diferentes projetos extracurriculares.

2.2 DO PÚBLICO-ALVO

A turma do 5º Ano, selecionada para desenvolvimento da sequência didática é composta de doze alunos, na faixa de dez a onze anos, entre estes, nove meninos e três meninas. Em decorrência da escola atender em horário integral e os alunos terem estudado as disciplinas comuns às demais escolas, no período da manhã, as tarefas que envolvem leitura e escrita, já não são tão bem aceitas no horário vespertino. Como a Sequência Didática em questão envolve leitura e escrita, tal atividade poderia ter alcançado melhores resultados se fosse ministrada na parte da manhã. Ainda assim, acredita-se que os objetivos propostos foram alcançados de forma satisfatória.

2.3 DA APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O desenvolvimento da proposta de ensino-aprendizagem em questão ocorreu no período de 26/08/2014 a 18/11/2014 no período vespertino, com uma hora de duração diariamente, tendo intervalo de alguns dias sem que houvesse aulas. O produto final gerado a partir da sequência didática será a compilação dos trabalhos dos alunos no formato de um caderno de histórias em quadrinhos com desenhos e textos manuscritos e editados no programa HagáQuê, como poderá ser visto nos anexos a este relatório. Apresenta-se a seguir os assuntos tratados nas aulas, acompanhados do relatório-diário.

1ª Aula - Apresentou-se a sequência didática “As HQs como ferramentas de incentivo à leitura e à produção textual”, foi informado aos educandos que a referida proposta seria realizada a partir de uma série de atividades de leitura, interpretação, escrita, reescrita, uso das novas tecnologias, estudo das características das histórias em quadrinhos. A seguir, foi distribuída uma tira da turma da Mônica (Figura 13), utilizada como motivação para a introdução do estudo da sequência didática, esta foi lida pelo professor em voz alta, com ênfase à modulação de voz e às onomatopeias. Alguns alunos foram convidados a comentar o texto com a intermediação do professor. Foi entregue massa de modelar para as crianças criarem os personagens da Turma da Mônica.

4ª Aula - Tendo questionado os alunos a respeito do significado da palavra linguagem, com anotações das respostas na lousa, procedeu-se a pesquisa de tal palavra no dicionário. A seguir, foi solicitado que os alunos lessem o significado da palavra linguagem no dicionário, confrontando com as respostas da lousa, ditas por eles. Foi entregue o texto “Linguagem verbal, não verbal e mista” para leitura individual, disponível em: <<http://oficinaenem.wordpress.com/linguagem/linguagem-verbal-nao-verbal-e-mista/>>.

Em seguida, foi perguntado o que entenderam do texto, disseram que “tratava da comunicação entre as pessoas por meio de palavras e desenhos”. Logo após, registrou-se na lousa tais respostas, com leitura e comentários feitos pelo professor.

5ª Aula - Leitura comentada do texto “Narrativas presentes nas HQs”. Dando continuidade foram retomados os pontos de maior relevância do texto lido, seguido de comentários dos alunos, sendo que as falas foram complementadas pelo professor, enfatizando as ideias principais. Na sequência, foram distribuídas revistas de histórias em quadrinhos para lerem, observando a sequência das ações e a fala do narrador presente nas legendas.

6ª Aula – Procedeu-se um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre os tipos de HQs conhecidas por eles. A seguir, foram registradas na lousa algumas classificações de HQs, como: tiras, charge, cartum, histórias mais longas, comentários e exemplos de cada uma delas. Como não foi possível a utilização do data show, os alunos foram convidados para, em pequenos grupos, observarem os tipos de histórias em quadrinhos tratados durante a aula, por meio de textos e imagens disponíveis em notebook. Houve distribuição de diferentes HQs para leitura, identificando-as de acordo com a classificação proposta. A atividade que seria de pesquisa sobre tiras, charges e cartuns na internet, não foi possível ser realizada, devido à falta de profissional no laboratório de informática que pudesse acompanhar tal procedimento. Seguem os exemplos dos gêneros das histórias em quadrinhos estudados.

Figura 14 - Exemplo de tira



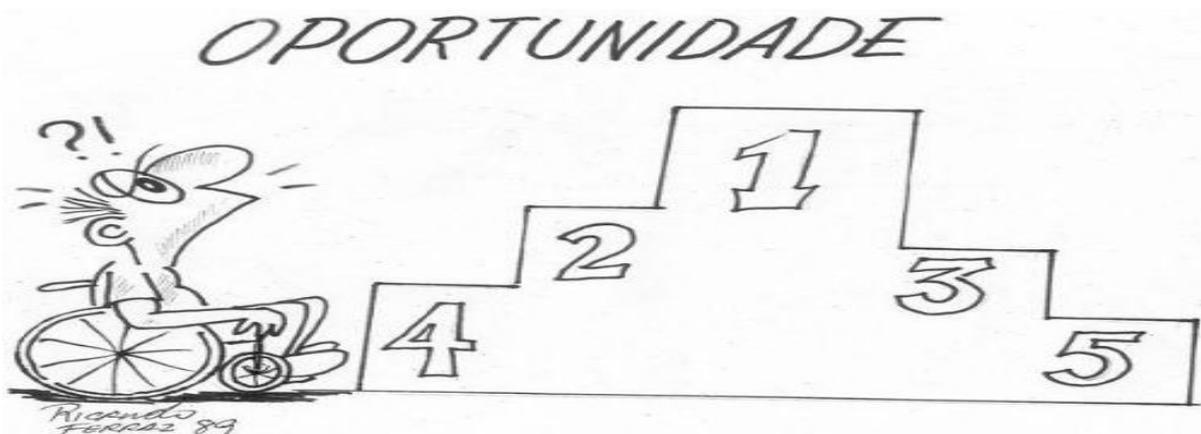
Fonte: www.google.com.br/search?q=TIRAS+COL (2015).

Figura 15 – Charge



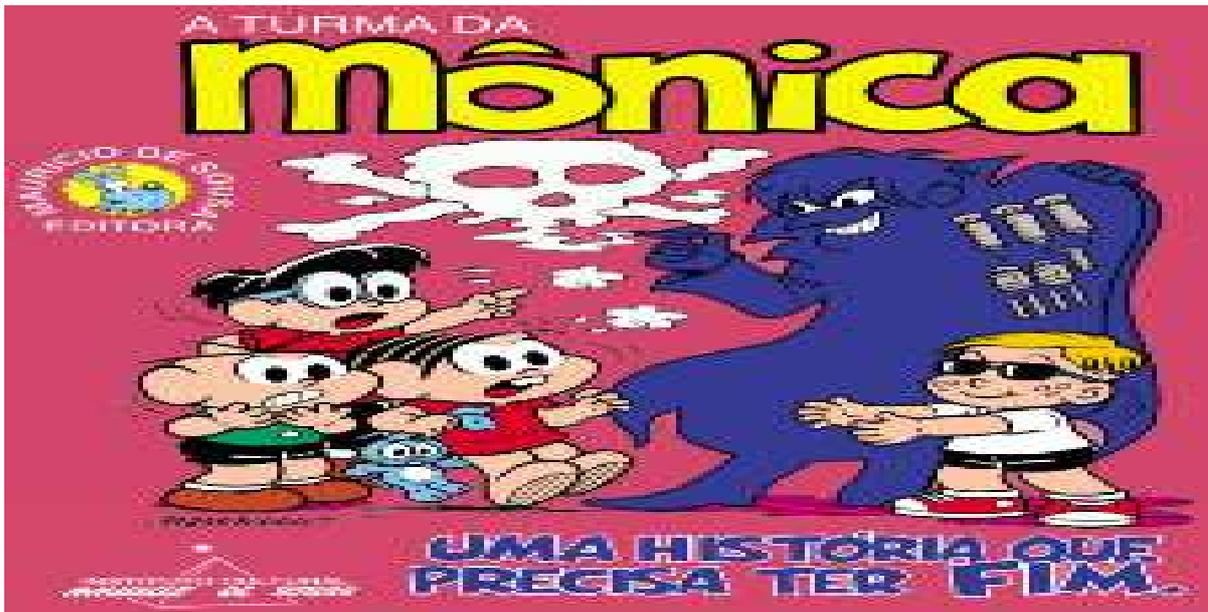
Fonte: www.google.com.br/search?q=TIRAS (2015).

Figura 16 – Cartum



Fonte: www.google.com.br/search?hl=pt-BR&biw= (2015).

Figura 17 – Exemplo de história em quadrinhos mais longa



Fonte: www.google.com.br/search?hl=pt-BR (2015).

7ª Aula – Nesta aula foi realizado o estudo do módulo 03 da sequência didática – “Aspectos visuais das HQs: vinhetas, balões”, com os seguintes objetivos: Constatar a presença de diferentes tipos de vinhetas e balões nas HQs; relacionar os tipos de vinhetas e balões com a produção de sentido; representar os conhecimentos adquiridos por meio do desenho; estabelecer relações de significados entre imagens e textos. Inicialmente, houve questionamentos sobre o que os educandos entendiam por vinhetas e balões, e que outros nomes recebiam pela relação de sentido estabelecida entre os formatos de vinhetas e balões. Dando continuidade, fez-se uma leitura comentada sobre a definição de vinhetas e balões, como consta no módulo 03 da sequência didática, com apresentação, por meio do data show, de alguns exemplos destes formatos. A seguir, os alunos desenharam em papel sulfite os modelos expostos.

8ª aula - Na presente aula foi realizada uma recapitulação dos assuntos estudados na sequência didática, como: classificação das HQs, vinhetas e balões, com os seguintes objetivos: fixar os conteúdos trabalhados até o momento; inter-relacionar as atividades de leitura, interpretação e escrita. Para o procedimento, elaborou-se um esquema com os referidos temas, constando palavras-chave e os desenhos representativos. A seguir, realizou-se a leitura comentada e questionamentos a respeito do entendimento dos alunos acerca do que estudaram.

9ª aula – Inicialmente, os alunos, em conjunto com o professor, confeccionaram dobraduras de casas, representando tipos de moradias presentes nas HQs. Logo após, foi proposta a leitura de HQs, observando os formatos de balões e a relação de significado destes para a narrativa.

10ª aula - Leitura de histórias em quadrinhos, observando os tipos de balões, vinhetas e o que estes contribuem para o sentido dos enunciados.

11ª aula – Início da leitura em voz alta, realizada pelo professor “Donald o grande vencedor”. Durante a leitura, enfatizou-se a entonação de voz de acordo com as falas e ações dos diversos personagens e outros recursos visuais presentes na HQs. O objetivo de tal leitura consistiu em demonstrar as distintas formas de expressões nas HQs apresentadas por meio das linguagens verbal e visual, bem como apresentar a leitura em voz alta, como uma prática social. Esse tipo de leitura envolve posturas específicas para que se possa ouvir bem e ativar os conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e interacionais.

12ª aula – Continuação da leitura “Donald o grande vencedor”. Inicialmente, recapitulou-se parte da história lida, com a participação dos alunos, lembrando os momentos mais importantes da leitura. A seguir, deu-se continuidade até o término, com comentários a respeito. Na sequência, os alunos foram convidados a compartilhar suas leituras de HQs, fazendo uma breve apresentação da capa, do título e um resumo oral, seguido da leitura.

13ª aula – Estudo das onomatopeias com destaque para o formato e funções representadas. Para esta etapa, os alunos pesquisaram os significados de tal termo e leram para os colegas, seguido de explicações pelo professor. Como não foi possível o uso do Datashow, escreveu-se um texto na lousa sobre tal assunto, disponível em: <<http://www.escolakids.com/aprendendo-sobre-a-onomatopeia.htm>>, acompanhado de leitura e explicações do professor. Na sequência, registrou-se na lousa exemplos de onomatopeias e foi solicitado que os alunos também as desenhassem em papel sulfite, acrescentando outras das quais tinham conhecimento. Os desenhos foram recolhidos para exposição no final da sequência.

14ª e 15ª aulas – Dando continuidade ao estudo do módulo 04 da sequência didática, em referência às funções das cores nas HQs, tem-se como objetivo que os alunos percebam as diferentes tonalidades relacionadas aos sentidos dos textos; que discutam a respeito do vídeo e que venham expressar os sentimentos por meio do desenho e da escrita. Inicialmente, questionou-se a respeito das cores dos

vestuários de personagens das HQs, como: Capitão América, O Incrível Hulk, Mônica, se estas mudam ou não, os efeitos produzidos pelas cores preto e branco nas HQs e a grande quantidade de tonalidade de cores propiciadas com o advento da informática. Na sequência, assistiu-se a um vídeo, o qual se encontra no seguinte *link*: <<https://www.youtube.com/watch?v=5nr-qKNmQnk>>, este relata sobre os significados das cores nas HQs, pausando a cada momento para leitura dos enunciados apresentados, seguido de comentários a respeito das impressões e sensações suscitadas da parte do professor e dos alunos, citando o nome de cada personagem tratado e os pontos em destaque sobre os mesmos.

16ª aula - Na presente aula, realizou-se o estudo das linhas cinéticas das HQs, constante do módulo 05 da sequência didática. Inicialmente, foram feitos questionamentos a respeito do que entendiam por linhas cinéticas constantes nas HQs, como definição, tipos e funções. Em seguida, foi distribuída uma tira da turma da Mônica representando as linhas cinéticas, para leitura e ilustração do tópico em estudo.

Logo depois, procedeu-se à leitura do fragmento textual, disponível em: <<http://lbganbarros.blogspot.com.br/questionando>>, o qual aborda sobre o significado de palavras, expressões, frases, fazendo inferências com outros elementos extratextuais e por fim, complementando com as respostas dadas.

17ª aula - Na presente aula, estudou-se o segundo tópico do módulo 05, “metáforas visuais”, com anotações na lousa a respeito do conceito, exemplificando com desenhos representativos e com imagens da internet, disponíveis em: <<https://www.google.com.br/search?q=imagens+charge+cartum>>. A seguir, realizou-se a leitura de HQs, procurando identificar as metáforas visuais, linhas cinéticas, onomatopeias, cores, balões, oportunizando, assim, a ampliação dos sentidos em razão da contribuição de tais elementos visuais. Logo após, foi proposta a criação de uma vinheta, com uso de espaço, personagens, balões, falas, linhas cinéticas, entre outros, para isso sugeriu-se que pensassem em uma cena articulando-a com os elementos das HQs citados anteriormente.

18ª aula - Realização do seguinte ditado – “Cascão: Ô Cebolinha, eu ouvi dizer que você vai ser desenhista quando crescer! Você acha que é bom em desenho? Cebolinha: Clalo”! Comentou-se o que é um roteiro e a sua importância como um elemento estruturador para a confecção de HQs. Na sequência, escreveu-se o seguinte exemplo de roteiro na lousa: “Quantidade de vinhetas: duas. 1ª

vinheta – Cenário: gramado, parede, árvores. Personagens: Cascão e Cebolinha. Fala do Cascão: “Ô Cebolinha! Eu ouvi dizer que você vai ser desenhista quando crescer! Você acha que é bom em desenho?”(balão de fala normal). Postura dos personagens: Cascão – andando rápido (linhas cinéticas), Cebolinha (desenho). **2ª vinheta** - Cenário: O mesmo da primeira vinheta. Personagens: Cebolinha (linhas cinéticas ao lado da cabeça e no lápis). Cascão (expressão de surpresa, linhas cinéticas acima da cabeça). Balão de fala do Cebolinha com destaque para a alteração de voz: “Clalo!”. (nessa vinheta, o Cascão fica surpreso ao perceber que havia confundido o desenho do Cebolinha com o próprio personagem).

Logo após a leitura da tira original e discussões sobre o roteiro, os alunos foram convidados a reproduzir uma tira de HQs. Recolhimento dos trabalhos para análise e revisão nas aulas seguintes.

Figura 18 – Tira utilizada para leitura e produção



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6687

Fonte: <https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&biw=1360&bih=667&noj=1&site=imgh> (2015).

19ª a 21ª aulas – Revisão da escrita das tiras da aula anterior, com o objetivo de torná-las adequadas para a divulgação no final da sequência didática. Em seguida, escreveu-se na lousa o texto lacunado da tira da aula anterior, para preencherem com as principais dificuldades ortográficas diagnosticadas com a análise dos textos. Logo após, transcreveu-se na lousa as listas de palavras para completarem com as dificuldades ortográficas em questão, atividade realizada em forma de um jogo com duas equipes, em que a equipe que completasse primeiro, venceria com dez pontos.

22ª Aula - Estudo do módulo 06 da sequência didática, tendo como tópico: “Os mangás”, com os objetivos específicos de identificar elementos característicos do gênero e expressar conhecimentos adquiridos por meio do desenho de mangá. Diante da impossibilidade de uso do data show desenhou-se na lousa os personagens de mangás Didi e Lili, com base em uma capa de revista de HQs utilizada na sequência didática. Logo após, foi entregue uma folha de papel sulfite para os alunos reproduzirem o desenho da lousa ou outros que conheçam algo referente aos mangás. A maioria dos educandos acabou realizando outros desenhos do gênero em questão. Em seguida, foram levantados os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o que já sabiam do referido assunto, seguido da leitura do texto disponível em: <<http://www.brasilecola.com>>, em substituição ao que foi constado no módulo 06 da sequência didática, devido à praticidade para o momento.

23ª aula - Houve alteração na continuidade da sequência didática. O módulo de estudo que seria o 07- Conhecendo o Software HagáQuê foi substituído pela “Produção final – parte 01”, por entender que tal assunto seria mais adequado no momento. A seguir, foi realizada a leitura do texto “A galinha dos ovos de ouro”, disponível em: <<http://www.adivertido.com.br>>. Logo após, escreveu-se na lousa o roteiro constante da sequência didática sobre o referido texto e a transposição do mesmo para uma HQs, interagindo com os alunos, demonstrando a articulação das linguagens verbal e visual, vinhetas, personagens, balões, linhas cinéticas, onomatopeias, entre outros. Em seguida, os educandos reproduziram a HQs da lousa em papel sulfite, acrescentando outros elementos visuais. Decidiu-se, também, não realizar a atividade de escrita de outro roteiro, constante da sequência didática, tendo em vista o entendimento de que as atividades de leitura, escrita e revisão, realizadas anteriormente, já eram suficientes para reestruturarem as primeiras versões de HQs que fariam parte da compilação do caderno de histórias em quadrinhos da turma.

24ª aula - Continuação da “produção final - parte 02”: Inicialmente, procedeu-se à leitura de uma lista de sugestões para produção de uma HQs, texto produzido com base nos conhecimentos adquiridos sobre o gênero em questão, como, primeiramente partir de um texto-base, produção de um roteiro, decidir quais os elementos visuais a serem utilizados, entre outros.

25ª a 35ª aulas – Na descrição das referidas aulas, decidiu-se por mantê-las articuladas, devido ao fato de que a turma apresentava muitos problemas de escrita

e da necessidade do professor auxiliá-los nessa tarefa, uma vez que um dos principais requisitos para que se exerça a cidadania de forma integral é expressar-se bem nas situações em que se exige a escrita, sem menosprezar as demais competências linguísticas. Assim, optou-se em destinar parte considerável da proposta para a tentativa de amenizar tais problemas, tendo por isso uma grande recorrência de atividades destinadas a tal finalidade. Segue-se uma descrição das atividades de leitura, compreensão, escrita, reescrita e das articulações com as artes que basicamente ocorreram no percurso dessas aulas.

Os textos dos alunos foram corrigidos de forma individual e coletiva, no momento em que se selecionavam os aspectos mais recorrentes para elaboração de atividades para toda a turma, destacando os problemas de coerência, pontuação e ortografia, além das atividades de completar listas de palavras com as principais dificuldades ortográficas, semelhante às correções citadas anteriormente nessa proposta. Devido ao tempo previsto para o término da sequência e aos objetivos elencados na proposta de ensino-aprendizagem, optou-se por corrigir pessoalmente os demais textos. Em seguida, foram entregues folhas sulfite para que fizessem a transposição dos textos lineares para as HQs. Foi deixado a critério dos alunos escolher se queriam ou não fazer o roteiro para a transposição do texto linear para a HQs, caso contrário, que pensassem antes nos elementos de sua história. Após a análise das primeiras tentativas, percebeu-se que eles apresentaram muitas incoerências com referência ao traçado das vinhetas e demais elementos das HQs. Em razão disso, tomou-se a decisão de traçá-las, utilizando um formato padronizado, auxiliando no processo, recomendou-se que elaborassem as HQs nas folhas contendo as vinhetas padronizadas. Após essa etapa, ainda havia incorreções nos trabalhos, nesse caso, enviou-se bilhetes aos alunos, como uma forma de sensibilizá-los para a grandeza do trabalho que estavam fazendo, considerando os seus esforços e solicitando que corrigissem as distorções de escrita apresentadas. Houve a retomada de tais incorreções por meio de atividades específicas, enfatizando a coerência, pontuação e a ortografia, passando à etapa da arte final. Foi necessário que o professor auxiliasse os alunos no processo da arte final, no sentido de que transparecesse clareza nos enunciados verbais e visuais.

Como atividades relacionadas, realizou-se a pintura dos desenhos da turma da Mônica em papel sulfite e o recolhimento destes para análise e exposição, além

da leitura de HQs em voz alta para a classe, procurando dar um sentido dramático aos textos.

36ª aula – Apresentação do software HagáQuê e explicações de como utilizá-lo. O ideal seria realizar a presente aula no laboratório de informática, pois compreenderiam melhor e poderiam editar suas HQs pessoalmente. Isso não foi possível devido aos equipamentos estarem danificados. Nesse caso, decidiu-se pelo uso de um sistema de visualização em que consistia em ampliar as imagens e textos transpondo-os do computador para a tela do televisor. Dessa forma, foi apresentado o software HagáQuê, ensinando como abrir as histórias, criar novas episódios e salvá-los. Assim, não sendo possível que os alunos editassem as suas histórias, optou-se que essas fossem editadas pelo próprio professor.

37ª aula - Preparativos para as apresentações do material elaborado para a comunidade escolar e organização do espaço – Primeiramente, procedeu-se à prática de leitura das HQs produzidas em voz alta com entonação e boa postura corporal. A organização do espaço ocorreu em período oposto às aulas com exposições nas partes externas da escola de todo o material confeccionado durante a aplicação da proposta, como: balões, vinhetas, pintura de personagens das HQs, tiras, HQs manuscritas, editados no software HagáQuê visualizadas no datashow.

38ª aula – Apresentações das produções de HQs para a comunidade escolar, fazendo uso de caixa de som, microfone, entre outros. Inicialmente, o professor fez uma explanação sobre a proposta de ensino-aprendizagem do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – Unidade de Sinop-MT e do trabalho organizado por meio de sequência didática envolvendo atividades de leitura, interpretação, produção textual de HQs, compiladas no caderno de HQs e editadas no software HagáQuê. Em seguida, cada aluno foi convidado a apresentar a sua HQs. Após o término das apresentações, a turma foi reunida na sala para a entrega de brindes, juntamente com os originais de suas principais produções. Finalmente, os trabalhos dos alunos foram publicados no *facebook* para conhecimento de todos os interessados.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Durante o desenvolvimento da proposta de intervenção, houve uma quantidade significativa de tópicos que mereciam ser analisados, porém, é necessário que se faça uma seleção para que haja organização e compreensão do trabalho realizado. Assim, foram selecionados aqueles que se destacaram em relação à teoria estudada e à interação entre professor/alunos.

3.1 CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS PARA A PRODUÇÃO E COMPREENSÃO DO GÊNERO TEXTUAL HQs

No início das produções das HQs, alguns alunos traçaram os espaços das vinhetas muito pequenos e para os desenhos dos personagens fizeram apenas bolinhas para representar as cabeças e riscos para as pernas. Nesses casos, foram orientados para que desenhassem as vinhetas em tamanho maior devido ao fato de que tais espaços têm a função de abrigar os enunciados, balões, personagens, cenários, onomatopeias; é também o lugar em que acontece a ação narrativa dos quadrinhos. Quanto ao desenho dos personagens, foi desenhada uma série de exemplos básicos na lousa de maneira que todos pudessem ter uma compreensão melhor do assunto em questão.

A produção dos gêneros textuais demanda a aquisição de certos conhecimentos; no caso das HQs é necessário, além do domínio do sistema de escrita, desenvolver habilidades de desenho para representação dos diversos elementos visuais, observar a harmonia dos espaços entre balões, falas, desenhos dos personagens, entre outros. A produção textual da forma como foi desenvolvida, teve uma duração considerável por consistir em uma diversidade de tarefas, como: leitura, interpretação, produção, reescrita e desenho dos diferentes elementos visuais, porém há outras possibilidades de abordagem do referido gênero textual em sala de aula, por exemplo: apenas como fonte de leitura cobrir as falas dos balões, para que os educandos escrevam outros enunciados e depois comparem com a escrita original, produções de tiras com três a quatro quadros, transpor um texto escolhido pelo professor para HQs, entre outros.

3.2 USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Quanto ao uso das novas tecnologias é necessário que nessas ocasiões se disponha de um tempo considerável para o planejamento, como: disponibilizar tal recurso na data marcada, fazer a instalação de preferência antes de iniciar as aulas, deixando, assim, organizadas todas as etapas do processo, caso contrário, provavelmente haverá tumulto, podendo, em certos momentos, até inviabilizar parte da proposta de ensino-aprendizagem. É importante, o professor fazer uso frequente desses meios, uma vez que os educandos já convivem com as novas tecnologias, tal procedimento viria a facilitar a compreensão dos conteúdos a serem ministrados. Com referência às tecnologias disponíveis durante o desenvolvimento da proposta, houve, na maioria das vezes, impossibilidade de uso do Datashow e do laboratório de informática. Diante das dificuldades de acesso, decidiu-se por exibir os vídeos no notebook, o que gerou dificuldades para os alunos visualizarem os textos e imagens. Nos momentos em que houve a instalação do Datashow, pôde-se perceber que houve melhor aproveitamento a respeito dos assuntos tratados. Apesar desses percalços, os alunos se interessaram por tais atividades, demonstrando-se participativos, apesar da agitação. Acredita-se que, nesse caso, seriam melhores os resultados, se a instituição de ensino disponibilizasse os recursos tecnológicos necessários sempre que fossem usados como suporte. Dessa maneira, destacam-se os pontos positivos quanto ao uso das novas tecnologias, como: maior interatividade nas aulas, trabalho desenvolvido a partir de uma linguagem que faz parte da convivência dos educandos, maior interesse apresentado pela turma, facilidade na compreensão dos conteúdos devido à articulação de texto, imagem, som, movimento, entre outros.

3.3 TEMPO LIMITADO PARA A APLICAÇÃO DA PROPOSTA

Os alunos participaram de forma satisfatória das atividades apresentadas, porém percebeu-se que o período de uma hora diária foi pouco para o desenvolvimento da sequência didática. A efetivação da proposta de intervenção ficou sensivelmente prejudicada, necessitando de alguns ajustes em relação ao tempo previsto para a finalização. Nesse sentido, sempre que houver possibilidade é

importante que se faça uma conversa prévia com a coordenação para que haja melhor funcionalidade nas ações pedagógicas.

Em relação à inadequação do horário em que foi desenvolvida a proposta de trabalho, destaca-se que as escolhas do educador no sentido de potencializar as ações educativas, nem sempre são possíveis de serem executadas. Isso dependerá da articulação das atividades de cada escola, dos espaços disponíveis, dos horários, entre outros. Assim, na ocasião do planejamento escolar é necessário que se reflita sobre as possíveis interferências negativas, bem como em alternativas adequadas, caso imprevistos aconteçam. Assim, em se tratando do horário reduzido para a efetivação da intervenção, foi necessário ampliar a quantidade de dias previstos para a conclusão das etapas.

3.4 A INTERFERÊNCIA DA INDISCIPLINA NAS SITUAÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Constata-se que a indisciplina dos educandos se deve a diversos fatores. Acredita-se que, atualmente, há uma indefinição por parte da família, da escola e da legislação a respeito do aspecto disciplinar que se espera dos estudantes. Nessa perspectiva, uma considerável parte dos educadores demonstram insatisfação quando precisava da cooperação dos alunos para garantir um ambiente adequado ao ensino-aprendizagem. Esses comportamentos inadequados são percebidos em alunos de distintos grupos sociais e econômicos. Entende-se que há diferentes concepções de indisciplina, denotadas nas distintas esferas sociais, o que indica ser um assunto complexo e que os pais, ora apresentam maior tolerância, e em outros momentos, tomam atitudes mais severas. Entre as maneiras de enfrentar tais problemas, destacam-se aquelas que consistem em observar sistematicamente, traçar um panorama das diversidades apresentadas, pensar em possíveis formas de lidar com as diferenças, manter diálogo constante com a turma, observando o que está funcionando bem e o que não está, os motivos de tal conduta, promovendo nova vivência a partir de tais atitudes. Não há garantias que esse procedimento resolva todos os casos, porém constata-se nessa perspectiva que os melhores resultados têm sido alcançados por meio da negociação entre as partes envolvidas. No caso da turma em questão, infere-se que uma das causas do desajuste

comportamental apresentado deve-se à permanência dos alunos por dois períodos diários na escola, vindo isto a ocasionar alguns problemas, principalmente no segundo horário, como cansaço, sono ou comportamento agitado. A orientação é para que se trabalhe no segundo período, atividades mais dinâmicas, como: brincadeiras, músicas, esportes, entre outros, mas que possam adquirir conhecimentos em suas realizações. Nesse sentido, foi um desafio selecionar um tema para o projeto de intervenção que envolvesse leitura e escrita e ao mesmo tempo fosse agradável para os educandos, além da inserção das novas tecnologias e diferentes linguagens. Essa é uma das razões para a escolha do trabalho a partir do gênero textual HQs, com o propósito de aliar o tipo de atividade a ser desenvolvida com o horário em que a sequência didática foi aplicada, pois, como se sabe, as HQs são bem aceitas pelos educandos, como fonte de leitura e para outras atividades correlatas.

Procurou-se observar o comportamento apresentado em relação aos diversos momentos da aula, bem como dos tipos de atividades que os deixavam mais agitados, a partir dessas constatações, refletiu-se a respeito de que atitudes deveriam ser tomadas, como: não reagir de forma impulsiva, mas procurar compreender os distintos procedimentos e tomar decisões de acordo com as situações apresentadas, tais como: conversas com a turma e individualmente com alguns alunos sobre a necessidade de um ambiente adequado aos estudos, que vantagens se obtêm socialmente em ser um cidadão cumpridor de seus deveres, entre outros.

3.5 ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS NA LEITURA DE HQs

Durante o desenvolvimento da proposta, os educandos se concentraram consideravelmente nas atividades de leitura de HQs, constatando assim, o gosto da turma pela leitura dos quadrinhos.

As HQs, por abordarem diferentes aspectos da vida humana, são consideradas uma forma de leitura adequada a todos os públicos. Isso não quer dizer que sejam melhores ou piores em relação a outras modalidades de leitura, mas sim, enfatiza-se a importância dos distintos gêneros textuais no ambiente escolar dentro de uma abordagem crítica, para que o aluno possa interagir com uma

diversidade de linguagens necessárias a sua formação como cidadão, sobretudo respeitando as diferentes manifestações culturais.

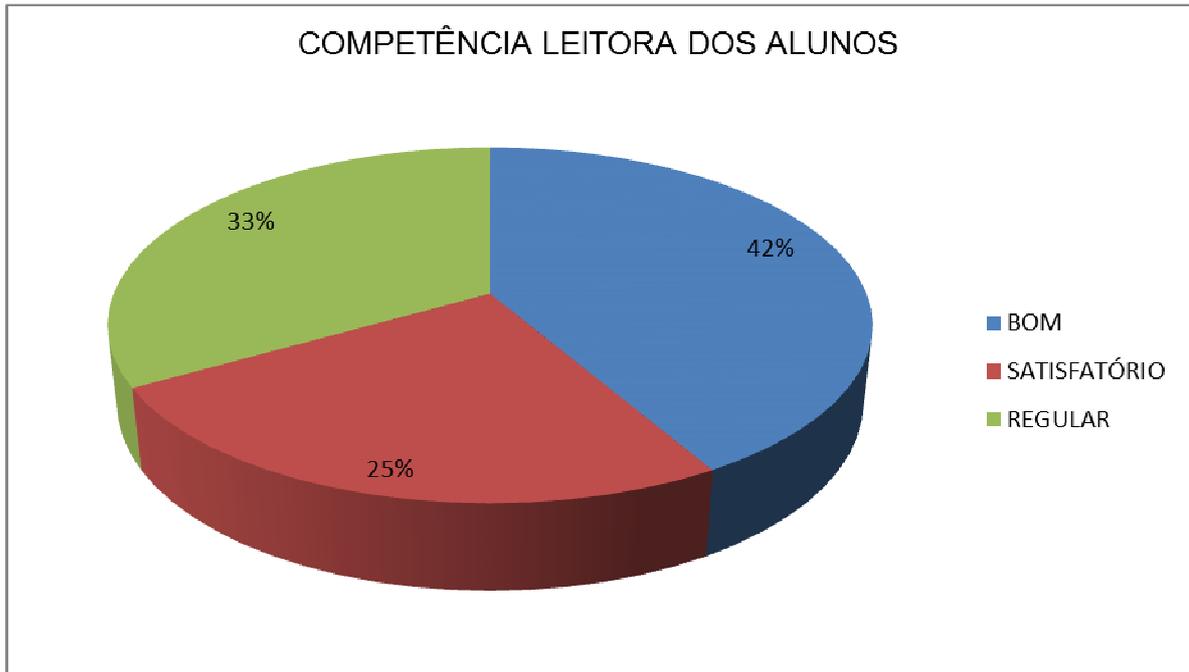
Para o trabalho com a leitura, o mais importante do que estabelecer juízos de valor em relação a certo gênero textual, é, antes de mais nada, imprescindível conhecê-lo profundamente; assim o professor terá segurança para abordá-lo em diferentes contextos.

Constata-se que as crianças gostam de ler, porém, à medida que vão crescendo, esse gosto tem diminuído. Acredita-se que, na fase infantil, o aluno está envolvido em uma série de atividades em que se faz uso de diversos suportes de leitura, principalmente aquelas com o objetivo de encantar, desenvolver o imaginário e o fantástico. A leitura é apresentada como algo agradável de se fazer ou como uma brincadeira. No final do ensino fundamental, as tarefas de leitura não apresentam com a mesma intensidade o fator maravilhoso da infância, pois nessa fase as leituras são mais relacionadas à apreensão dos conteúdos escolares, com poucas chances de se formar um leitor crítico e autônomo.

Nesse sentido, o incentivo à leitura deve partir das experiências leitoras dos educandos, bem como da cultura local e das mídias digitais que fazem parte de suas vivências, propondo projetos, nos quais ler faz sentido. Nas situações de ensino-aprendizagem é fundamental articular as práticas de leitura, produção e análise linguística. Diferentes gêneros textuais devem fazer parte das propostas, porém não é necessário que se produza todos os tipos de textos; há aqueles que apresentam uma maior necessidade para que os alunos aprendam a produzi-los, outros poderão ser abordados nos aspectos da leitura, compreensão e análise dos pontos em destaque.

A seguir, apresenta-se um gráfico que procura demonstrar a competência leitora dos alunos constatada durante a realização da sequência didática. Para o item bom, foram considerados os educandos que leram com considerável articulação das palavras, entonação de voz adequada e de acordo com a pontuação. Para o item satisfatório, aqueles que fizeram a leitura silabando algumas palavras e com pouca entonação de voz. Para o item regular, os estudantes que leram de forma quase incompreensiva, necessitando de intervenção para concluí-la.

Gráfico 1 – Competência leitora dos alunos



Fonte: OLIVEIRA, 2015.

Acredita-se que a proficiência em leitura é de suma importância para o desenvolvimento de várias tarefas escolares e extraescolares. Por conseguinte, é necessário que haja um maior envolvimento nas questões leitoras, criando espaços apropriados com acesso aos diversos portadores textuais, modelos de leitores competentes, além de identificar os casos com maiores dificuldades, no sentido de planejar situações de ensino-aprendizagem de acordo com as reais situações da turma.

3.6 ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

Quanto à importância da relação entre teoria e prática, no sentido de se repensar que concepções de ensino-aprendizagem estão relacionadas às ações pedagógicas dos educadores e quais não surtem mais efeito, que posturas são demandadas para a educação contemporânea para atender a uma heterogeneidade linguística e cultural presente no meio escolar. Evidencia-se a necessidade de formação continuada dos educadores, pois a sociedade apresenta-se em constante evolução e os professores precisam estar atentos a essas transformações sociais e culturais para que os educandos recebam uma formação sólida e atualizada.

Os estudos realizados no curso de mestrado, juntamente com o desenvolvimento da proposta de intervenção propiciou a construção de novos conhecimentos sobre o processo de aprendizagem dos alunos. É fundamental que cada vez mais se procure aliar teoria e prática, no sentido de que uma exista em função da outra. É uma conexão que certamente surtirá bons efeitos em qualquer situação de ensino-aprendizagem.

3.7 ARTICULAÇÃO DE DISTINTAS LINGUAGENS

É de fundamental importância que as situações de ensino-aprendizagem sejam interligadas de forma harmoniosa, envolvendo as distintas modalidades de linguagem, tais como: levantamento de conhecimentos prévios, questionamentos antes, durante e depois das leituras relacionando texto, som, imagem, entre outros; esses procedimentos, provavelmente apresentarão consideráveis resultados, tendo em vista que o uso de diferentes estratégias combinadas entre si podem facilitar o processo de ensino-aprendizagem, por envolver os canais auditivos e visuais dos interlocutores, oferecendo, pois, maiores possibilidades para a compreensão das mensagens. De acordo com Kleiman (2005, p.44),

nas práticas letradas da sala de aula, as relações de complementação e sobreposição parcial entre fala e escrita são muito evidentes. Na aula de leitura, por exemplo, o professor faz perguntas antes, durante e depois da leitura, com a finalidade de ajudar a construir um sentido ou de introduzir um novo gênero. Em outras palavras, ele fala, e, ao fazer isso, mobiliza seus conhecimentos, experiências e recursos da oralidade (como fazer perguntas adequadas ao público, ao assunto, aos objetivos das atividades) e do letramento (como ler um conto).

Durante o desenvolvimento da sequência didática foram relacionados os conhecimentos sobre a linguagem das HQs com as atividades de desenho e pintura de personagens dos mangás, da Turma da Mônica, balões, onomatopeias, entre outros; assim, os educandos puderam registrar o que compreenderam de maneira agradável; requisito básico para a motivação no ensino. Percebeu-se que os alunos, geralmente, aceitam com naturalidade a tarefa escolar articulada com as artes. Nesse sentido, é de fundamental importância abordar as diferentes linguagens, para que assim, se possa atender às diversidades culturais. Assim, eles terão constantemente oportunidades de se identificar com determinados tipos de

atividades realizadas e, conseqüentemente, vindo a desenvolver as habilidades de leitura e escrita.

3.8 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E ERROS ORTOGRÁFICOS PRESENTES NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS

Nos textos dos alunos H e I, percebe-se uma forte ligação com a oralidade, como pode ser observado a partir da transcrição da escrita de suas tiras da forma que escreveram. Aluno H – “Vai faze a tarefa da escola muleque”, “nunvo mulher feia”, “votimatamulequemoreu”. Aluno I – “Vai ficar rui”, ememo”, “apaga apagaapaga o fogo” “nue que e memo”, “mãe o arroz esta pegando fogo”. Nos enunciados anteriores aparecem algumas incoerências, quando a escrita se aproxima da oralidade: “muleque” para “moleque”, “nunvo” para “não vou”, “ememo” para “é mesmo”, “nue” para “não é”. É interessante observar se os alunos apresentam marcas de oralidade em seu texto devido ao objetivo de acentuar os traços de regionalismo nos seus personagens ou simplesmente estão transpondo a sua oralidade para a escrita. Se for o primeiro caso, tal escrita faz sentido, pois em determinados gêneros discursivos, permitem-se marcas da oralidade, assim, grandes escritores a exemplo de Guimarães Rosa, também fizeram uso de regionalismos em suas obras. Por outro lado, é necessário enfatizar a necessidade de saber usar as diferentes modalidades de linguagem de forma competente de acordo com as interações sociais. De acordo com Bortoni-Ricardo e Machado (2013, p.52),

se a variação linguística for discutida na escola, inserida na matriz do multiculturalismo brasileiro, teremos mais oportunidades de discutir a estrutura da língua padrão, descrita nos compêndios de gramática normativa, à luz das características de nossa fala brasileira; poderemos identificar os contextos em que as diversas variedades da língua são produtivas; poderemos também ler com mais interesse a literatura brasileira que, desde o modernismo, incorporou modos brasileiros de falar.

Nesse sentido, há distintas variações linguísticas decorrentes de fatores econômicos sociais e geográficos. O que precisa ficar claro para o educando é o objetivo da escrita, assim, autores de textos literários fazem uso de regionalismo, no intuito de provocar diferentes sentidos, porém nos textos científicos e jornalísticos,

privilegia-se a linguagem formal. Um caso bem conhecido é do personagem Chico Bento, de Maurício de Souza, que faz uso de regionalismos em sua fala, próprio das regiões interioranas brasileiras. Nesse caso, não se deve pedir para os educandos corrigirem as falas do Chico Bento, justificando que ele fala errado, mas sim, mostrar a existência de um dialeto diferente. Cabe à escola ensinar a língua formal, sem desprestigiar a diversidade linguística e aos professores tomar certo cuidado ao lidar com os textos dos alunos que apresentam aspectos semelhantes para que a linguagem destes não seja motivo de zombaria por parte dos colegas, causando às vezes a baixa-estima. Assim, acredita-se que o professor deve abordar as variações linguísticas em um clima de respeito às diferenças culturais, porém cumpre ressaltar a importância de saber utilizar a norma padrão de forma competente, para o uso eficaz nas situações sociais em que esta é cobrada. De acordo com Bortoni-Ricardo e Machado (2013, p.54),

na língua escrita, o erro tem uma natureza distinta porque representa a transgressão de um código convencionado e prescrito pela ortografia. Aqui também há um forte componente de avaliação social, pois erros ortográficos são avaliados muito negativamente.

Em conformidade com o que foi exposto anteriormente, há que se mobilizar para que os alunos adquiram habilidades para dominarem a norma padrão em relação à escrita e à fala e assim, poderem utilizar as diferentes variedades linguísticas de acordo com as situações comunicativas.

Nas aulas, foram propostas atividades ortográficas em que tivessem a oportunidade de completar palavras nas quais pudessem refletir acerca do uso da língua formal e quanto aos dialetos regionais. Seguem exemplos de atividades criadas com o objetivo de avançar no processo da escrita. Para o enunciado “Vai ficar rui”, escreveu-se uma lista de nomes com “M” no final; para a expressão “E memo.”, perguntou-se o que tinham a dizer sobre tal maneira de falar ou escrever. Em seguida, comentou-se sobre as variações linguísticas que ocorrem devido aos fatores geográficos, sociais, financeiros, faixa etária, entre outros. Questionou-se como esse termo seria escrito na linguagem formal, logo após, houve questionamentos a respeito da pontuação necessária na frase “Apaga apagaapaga

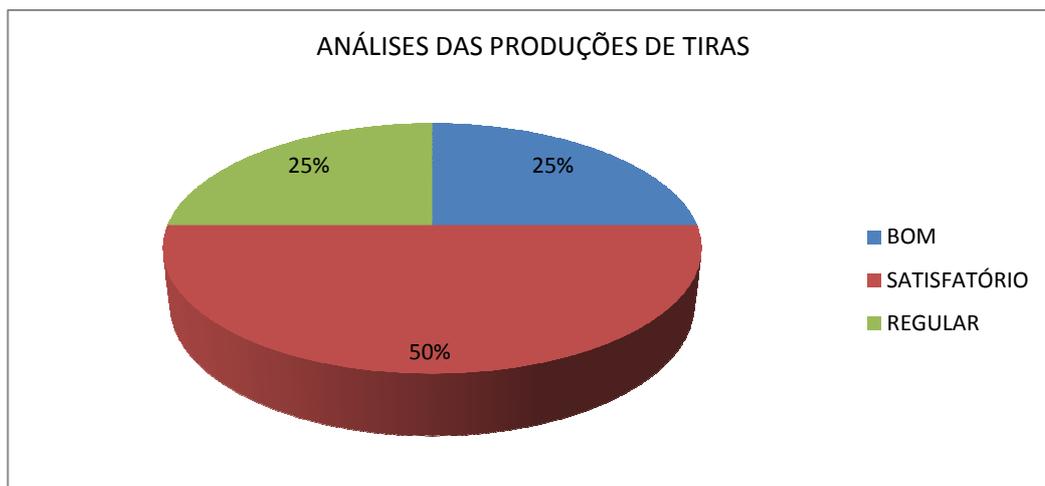
o fogo” e “Mãe o arroz está pegando fogo”. Dessa forma, os textos foram revisados nos aspectos de coerência, pontuação, ortografia até que ficassem adequados.

Ainda há os casos semelhantes à fala do Cebolinha que consiste na troca da letra “r” pela letra “l”. Isso denota que o mesmo apresenta um desvio na dicção da voz. Sabe-se que esse tipo de dificuldade fonética é percebido na fala de alguns alunos, principalmente os menores. Nessa perspectiva, os professores precisam estar atentos no sentido de observar o que é devido às variações linguísticas e o que é um problema de fala. Neste caso, convém agir com cautela para não expor o aluno ao ridículo. Há casos em que apenas atividades escritas ou orais envolvendo tal dificuldade resolvem o problema; em outros, pode ser que seja necessário conversar com os pais sobre a possibilidade de procurar um fonoaudiólogo para auxiliar o educando na modulação da voz.

Na sequência didática foram realizadas outras atividades abordando, principalmente, as questões de ortografia presentes nos textos das tiras, tais como: pontuação de frases, complementação de palavras com as dificuldades ortográficas observadas. As referidas atividades foram realizadas de forma satisfatória, de maneira que os educandos apresentaram consideráveis avanços na aprendizagem em relação às questões mencionadas.

Segue-se uma tabela da situação da escrita dos alunos, constatada na atividade de produção da primeira tira.

Gráfico 2 – Análises das produções de tiras



Para o item bom, foram considerados os educandos que produziram uma escrita com poucos problemas de coerência, coesão, desvios ortográficos e com considerável articulação entre texto verbal e visual. Para satisfatório, os alunos que apresentaram desvios de escrita mais comprometedoras, como transposição da oralidade, erros ortográficos, baixa articulação entre texto verbal e imagem. Para regular, aqueles que apresentaram uma escrita quase ilegível, necessitando, pois de um suporte maior para concluir a tarefa de escrita. É importante que o educador faça constantes avaliações diagnósticas, com o objetivo de planejar atividades de acordo com o nível de aprendizagem das crianças.

3.9 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

O processo de aprendizagem ocorre a partir de observações, tentativas, erros e acertos, por meio de formulações e reformulações de hipóteses, sozinho, em dupla ou em grupo. Nesse aspecto, o sujeito associa algo de si, baseia-se nos procedimentos que ele considera como modelo, produzindo assim, uma réplica na assimilação de tal procedimento ou técnica. Na resolução de uma tarefa em grupo cada parceiro, ao interagir com os demais integrantes, constrói e reconstrói seus conhecimentos, negociando os conhecimentos entre si. O fato é que todos têm algo a aprender e a ensinar. É natural que em um trabalho em equipe, aqueles que demonstram maior afinidade com o assunto tratado geralmente lideram o grupo, porém a participação daqueles que por si já se rotulam com pouco conhecimento é também muito importante, pois mesmo que seja mínima, surtirá efeitos para a construção coletiva. Aqueles que não se manifestam, também aprendem com o grupo, porém os resultados seriam maiores se houvesse uma participação mais ativa. É relevante para o trabalho em grupo, reunir aqueles que têm um nível semelhante de conhecimentos no assunto em questão para melhor compartilhamento dos conhecimentos, citando como exemplo, o fato de formar uma dupla para a escrita de um texto que sabem de cor, essa formação seria composta por um aluno que utiliza, principalmente, as vogais para formar as sílabas com outro que faz uso geralmente das consoantes, tal agrupamento seria benéfico para ambos, tendo em vista que os conhecimentos de um ajudaria o outro a acelerar o processo de aquisição da escrita. Dessa maneira, é importante identificar o tipo e a quantidade de apoio necessário ao aluno para resolução de determinada tarefa.

É também de fundamental importância que o professor planeje atividades relacionadas com a coerência e coesão, com o objetivo de minimizar as questões de ortografia, há que se propor exercícios de escrita individual, em outros momentos no coletivo, questionando-os sobre que letras escrever em tal palavra, o que leva as pessoas a cometerem certos desvios ortográficos, como a troca do “nh” por “lh”, “l”, por “r”, entre outros. Nessa perspectiva, os educandos com maiores dificuldades leram os seus textos, para que fossem identificadas quais as principais dificuldades e como auxiliá-los a partir de suas hipóteses de escrita. Nessas ocasiões, é fundamental que o educador dialogue com os alunos no sentido de que percebam as diferenças entre a língua falada e a escrita, bem como a importância de saber utilizar de maneira eficaz as distintas modalidades de linguagens, de acordo com as situações comunicativas. Assim, percebe-se que desenvolver uma ação educativa voltada para as necessidades reais da turma, não é tarefa fácil e muitas vezes o professor pode até ser incompreendido, mas é a postura mais correta, quando se tem por objetivo promover um ensino-aprendizagem significativo.

Ainda quanto às tarefas de revisões ortográficas, num primeiro momento destacou-se as partes com os desvios de escrita e solicitou-lhes que corrigissem individualmente. Como não avançaram de maneira satisfatória, não se atentando para esse sistema de correção ou se comportando de maneira indiferente, escreveu-se na lousa exemplares dos textos que continham os desvios de escritas mais comuns, questionando-os a respeito das falhas de escrita e como seria a forma padrão, o que levou tal aluno a escrever daquele modo, entre outros.

Nesse sentido, acredita-se que é de fundamental importância que se verifique quais os desvios de escrita mais recorrentes na turma de educandos, para o planejamento de atividades adequadas às reais necessidades da classe, tendo em vista que em determinadas esferas sociais é exigido o domínio da língua padrão nas modalidades oral e escrita.

3.10 AVALIAÇÕES NO INÍCIO, DURANTE E NO TÉRMINO DE CADA ETAPA

É importante avaliar para identificar os conhecimentos prévios dos alunos, quais os temas que precisam ser retomados, como procederem ao planejamento da próxima etapa, quais as estratégias adequadas em cada situação, a necessidade de atender casos especiais para que todos tenham a oportunidade de chegarem juntos

ao final do processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, o mais importante não é o nível ao qual o educando se encontra, e sim, o que aprendeu ou está realmente aprendendo em sua jornada de estudante. Tal atitude poderá ser desenvolvida por meio de atividades dinâmicas, como o registro dos conhecimentos que obtiveram sobre determinado assunto, uma atividade artística, relacionada com as mídias digitais, entre outras e no final é interessante socializar e discutir a respeito das produções realizadas.

3.11 DEFASAGEM NA ESCRITA DOS ALUNOS

É comum a identificação de casos de alunos com defasagem na escrita em diferentes níveis escolares. Esse problema carece de algumas reflexões. O que realmente acontece? Entre os diversos fatores responsáveis, destaca-se o compromisso enquanto professor, em fazer algo a mais, no sentido de facilitar a aquisição do sistema de escrita por tais alunos, de forma que tenham condições de competir na sociedade, nos eventos sociais em que se exige o domínio da norma padrão, caso contrário podem perder grandes oportunidades em suas vidas por não conseguirem se expressar de maneira coerente por meio da fala e da escrita. Conforme Bortoni-Ricardo e Machado (2013, p.55), “dominar bem as regras da ortografia é um trabalho para toda a trajetória escolar e, quem sabe, para toda a vida do indivíduo. Costumamos dizer, como Frederick Erickson, que a alfabetização tem momento para começar, mas não tem momento para terminar”.

Nessa perspectiva, é fundamental a abordagem do letramento, para que desde a fase inicial da escolaridade seja realizado um trabalho constante em que, ao mesmo tempo em que o aluno é alfabetizado esteja inserido em conjunto com uma grande variedade de textos que circulam no meio social e tenha oportunidades de fazer uso dos mesmos, destacando as práticas sociais nas quais estão vinculadas, as variedades linguísticas, bem como a necessidade de falar e escrever, adequando os discursos aos distintos eventos comunicativos.

3.12 ANÁLISE DAS HQS PRODUZIDAS PELOS EDUCANDOS

Texto 01 – “A menina que queria se tornar uma modelo”

Percebe-se que a aluna incorporou a linguagem dos quadrinhos estudada nos módulos como a harmonia entre linguagem verbal e não-verbal, entre estes a percepção de que o gênero HQs pode abordar uma diversidade temática, no caso em questão, o desejo da menina de se tornar modelo que é um sonho das garotas nesta idade, o uso de legenda na parte superior das vinhetas, representando o narrador-onisciente (terceira pessoa), utilização de balões bem estruturados com a sequência narrativa, harmonia entre espaço, personagens, ambientes, de forma que podem ser bem visualizados, como se estivessem sendo vistos por uma câmera com aproximação de imagem. Outro fator de destaque é a composição da HQs utilizando o esquema dos contos infantis (um dia, era uma vez, certa vez), mas ao mesmo tempo inserido na atualidade (sonho da menina de ser modelo). Apresentação de final feliz (Então ela ficou muito famosa e feliz). Na vinheta final, a personagem principal aparece sozinha, evidenciando que, para realizar seus sonhos, teve que se distanciar da família, talvez indo morar em outro lugar. Isso demonstra que a criança já sabe que certas escolhas demandam algumas renúncias, mas que vale a pena se arriscar.

Texto 02 – O porquinho jogador

Nesta HQs, é retratado um sonho de muitos meninos, ser jogador de futebol, uma profissão que traz fama e muito dinheiro para aqueles que se destacam. Verifica-se, também, a presença do pai dando apoio ao filho para alcançar o objetivo pretendido. Constata-se a presença de enunciados próprios dos contos clássicos como “Era uma vez”, demonstrando que tais narrativas fazem parte do cotidiano dos educandos, devido à permanência dos mesmos nas situações de ensino-aprendizagem e nos programas infantis apresentados na televisão. Na referida HQs, o aluno conseguiu apresentar a narrativa de forma sequencial por meio dos personagens, distintos ambientes e no uso da legenda, dos balões e das onomatopeias.

Texto 03 - “Maria sangrenta”

Nesta HQs, o aluno aborda a temática “terror”, que é comum na atualidade, retratado nos noticiários, filmes, videogames e, às vezes, até em situações presenciadas pelas crianças. Percebe-se que há uma relação entre o conto a “loira do banheiro” em tal narrativa. Apesar de certas dificuldades nos traços, é possível constatar a sequenciação narrativa no uso dos balões, representando as falas, legendas e posições dos personagens no último requadro, evidenciando o final trágico do conto.

Texto 04 – “Teco”

A HQs “Teco” apresenta o tucano, um elemento presente na vida dos educandos, por ser um pássaro pertencente à fauna regional. Desta forma, o processo de aprendizagem se materializa com a relação dos conhecimentos prévios e os novos componentes incorporados. Na referida HQs, não há diálogos, mesmo assim, evidencia-se o processo narrativo em decorrência da continuidade dos enunciados de maneira sequenciada. A presença do narrador-onisciente é constatada no uso das legendas.

Texto 05 – Os três porquinhos

O educando reproduziu em sua HQs alguns momentos importantes da história “Os três porquinhos”, constatando mais uma vez a relação entre a Literatura e as HQs em que ambas são constituídas pela narrativa. No caso da Literatura, tem-se um amplo leque de possibilidades de construções de sentidos, uma vez que os conhecimentos são construídos levando em consideração o leitor, o autor e o texto. Nas HQs, as linguagens verbal e visual se articulam e se complementam no momento da compreensão, porém é necessário que se tenha noção dos elementos constitutivos dos quadrinhos para interpretá-los.

Texto 06 – “Os três irmãos”

Esta HQs apresenta uma narrativa semelhante a um conto infantil, na criação dos personagens “Os três irmãos” que pretendem casar com a princesa e, diante do impasse de quem seria o felizardo, dois deles acabam se afogando no rio que havia no caminho do castelo. Isto demonstra que a ficção está presente no imaginário infantil, vindo, pois, a reproduzi-la nas atividades escolares. O educando conseguiu

obter harmonia entre os enunciados e as imagens, denotando assim, um trabalho coerente com a proposta desenvolvida.

Texto 07 – “Chapeuzinho vermelho”.

A aluna se apoiou no clássico “Chapeuzinho vermelho” para a produção de sua HQs, evidenciando coerência entre as linguagens verbal e visual, bem como a presença da narrativa nos quadrinhos, constatada pela conjunção dos distintos elementos apresentados. Nesse sentido, a articulação de diversas linguagens é fundamental na aquisição dos conhecimentos de forma integral.

Texto 08 – “A menina mais bonita”

O título desta HQs faz referência à vaidade feminina, o desejo de estar sempre bem arrumada, nos diversos eventos. A referida narrativa reforça as situações de companheirismo necessárias aos seres humanos, bem como do contato com o ambiente natural, elemento primordial para a manutenção da saúde física e mental. Apesar de algumas incoerências nos traçados das imagens, percebe-se certa harmonia entre os enunciados e os elementos visuais.

Texto 09 – “O sonho que brotou”

Nesta HQs, nota-se a presença de elementos da vivência dos educandos, tais como: ônibus e materiais escolares. Na penúltima vinheta, o educando desenhou uma espécie de baú, representando “o sonho que brotou”, deixando-o bem destacado, talvez para enfatizar que os sonhos podem ser realizados, desde que se acredite nos mesmos e se lute para consegui-los. Os desenhos foram bem traçados, porém observa-se certa falta de continuidade na sequência narrativa.

Texto 10 – “Chapeuzinho Vermelho”

Nesta produção de HQs, o aluno apoiou-se no conto infantil com o referido título. Constatam-se algumas irregularidades no traçado das imagens e na complementação dos enunciados, porém, isso não impede a compreensão do texto. Um fator de destaque observado na última vinheta é a visualização de uma espécie de revólver, talvez pelo fato de tal elemento estar exposto na mídia na atualidade, principalmente nos programas policiais da televisão. Ainda com referência ao último

quadrinho, o educando fez questão de representar o som do tiro de forma exagerada, evidenciando a relação entre a realidade e a ficção.

Texto 11 – “Maria na escola”

Na HQs em questão, o educando aborda cenas do cotidiano escolar, a correria dos alunos na hora do recreio. Constata-se a preocupação em contornar as diferentes situações do dia-a-dia, ou seja, a boa convivência entre as pessoas, que atualmente anda um pouco desgastada. O referido texto transmite a mensagem de que todos merecem uma oportunidade para se tornar cada dia melhor. Ainda evidencia a necessidade da solidariedade entre os seres humanos e do tratamento adequado às diversidades. Houve harmonia entre os elementos visuais e verbais, além de coerência narrativa.

Texto 12 – “Um dia para nadar”

O aluno utilizou na elaboração de sua HQs alguns personagens criados por Maurício de Souza: Mônica, Cebolinha e Anjinho. Retratou uma situação de lazer que as crianças gostam muito de fazer “tomar banho no rio”. Percebem-se os elementos da narrativa que indicam o início, o desenvolvimento, o conflito e o final, no uso de balões, representando as falas, legenda e onomatopeias, apesar das dificuldades verificadas no traçado das imagens.

3.13 REFLEXÃO SOBRE O PRODUTO

Houve considerável acúmulo de experiências na realização do trabalho com as produções de HQs por parte do pesquisador, em virtude do desenvolvimento da proposta de ensino-aprendizagem articulada com diversos conhecimentos propiciados pelo curso de mestrado, tais como: a sequência didática, composta de atividades de escrita e oralidade; as novas tecnologias, com referência ao uso de datashow, programa HagáQuê, edição das HQs no formato digital; os multiletramentos, entre outros.

Quanto à aprendizagem dos alunos, estes puderam entrar em contato com diferentes formas de linguagens, materiais escritos e digitais, vindo com isso, ampliar as suas competências linguísticas. Assim, a eficácia do trabalho realizado foi verificada durante o percurso, de forma que o produto final é a soma de todas as ações desenvolvidas.

Ainda com referência ao produto final, os discentes demonstraram nas suas produções articulação entre a ficção presente nas leituras dos contos maravilhosos e a realidade, tendo como exemplo: a figura do revólver, destacado na recriação da HQs com apoio no clássico “Chapeuzinho Vermelho”, em que o educando faz uma relação com a violência observada na atualidade. Da mesma forma, o texto “Maria sangrenta” remete às situações de pavor retratadas no cotidiano. Nas produções “Teco” e “Um dia para nadar” há uma interrelação com o universo infantil na figura regional do tucano e do rio, espaço privilegiado para o lazer das famílias.

CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo consistiu-se em desenvolver uma proposta de ensino-aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa, fundamentada na concepção sociointeracionista da língua, considerando os gêneros discursivos, multiletramentos e as novas tecnologias, com enfoque no gênero discursivo Histórias em Quadrinhos, com vistas a aprimorar as competências linguísticas dos educandos. Após o cumprimento das etapas da proposta de intervenção, comprovou-se que o propósito inicial foi almejado, por conseguinte constatou-se consideráveis avanços nas habilidades de leitura, compreensão, produção e reestruturação dos textos, principalmente das HQs.

Dessa forma, destaca-se a importância do trabalho desenvolvido por meio da sequência didática, na medida em que oportunizou a articulação das atividades que envolviam escrita e oralidade, divisão do estudo em módulos, partindo do simples para o complexo; envolvimento da turma em todas as etapas, no intuito de uma construção coletiva e um produto final, como fazer as intervenções na aprendizagem, com destaque para o processo de andaimagem; o uso adequado e consciente das novas tecnologias, como meio de motivar e inovar o processo de ensino-aprendizagem.

Assim, defende-se que as práticas de leitura sejam incorporadas como um exercício pela busca dos sentidos presentes no interior e exterior dos textos, em virtude de que no processamento dos discursos é necessário ativar uma série de conhecimentos partilhados, como o evento comunicativo, a interação social, entre outros. Esses elementos podem ser identificados em todos os gêneros textuais, em face dos mesmos serem passíveis de análises propostas pelas recentes pesquisas.

Outro ponto em consonância com o presente estudo é a importância de que haja conexão entre as distintas partes que envolvem o trabalho com os textos na escola, oferecendo maiores oportunidades para que os alunos se apropriem integralmente do conhecimento escolarizado.

A reflexão a respeito da teoria apresentada no curso, aliada à prática em sala de aula, possibilitou encontrar alternativas para os problemas detectados durante a realização da proposta de intervenção. As ações aconteceram num ritmo intenso, porém de uma forma gratificante, garantindo, assim, uma renovação da prática profissional.

Constatou-se que durante o desenvolvimento da sequência didática, alguns fatores interferiram de forma negativa, restringindo a eficácia dos resultados esperados, tais como: horário inadequado, em razão da escola ser de horário integral e o período vespertino ser dedicado principalmente para atividades extraclasse, como esportes, artes, projeto horta; precariedade dos recursos tecnológicos e a indisciplina. Nessa perspectiva, procurou-se contornar tais problemas, oferecendo alternativas capazes de amenizá-los.

Por conseguinte, acredita-se que a proposta de intervenção em questão apresentou-se como uma alternativa viável na busca por melhor qualidade de ensino no meio educacional, incorporando a teoria com a experiência profissional, porém tem-se ciência sobre a especificidade da mesma e da necessidade de contínuo exercício em busca da ampliação dos saberes. A presente pesquisa ainda ressalta como elemento importante, o conjunto de conhecimentos construídos coletivamente com os professores do curso, com a equipe da coordenação, alunos e demais pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram nessa jornada. Nesse sentido, declara-se que essas aprendizagens serão fundamentais em todos os sentidos, como mais uma ação direcionada para oportunizar a qualidade do sistema educacional, com a reflexão e o uso da teoria articulada à prática.

Finalmente, ressalta-se a importância dos estudos com a finalidade de aprimorar as ações educativas de responsabilidade da escola, bem como o esforço dos educadores na inovação de suas metodologias, entretanto é necessária uma cobrança efetiva do poder público por melhores condições de trabalho e de infraestrutura para que se tenha o conjunto completo das condições adequadas à educação de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R. (orgs.) *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BRASIL – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais. Língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CHIAPPINI, L. (org.) *Aprender e ensinar com textos não escolares*. São Paulo: Cortez, 1997.
- COSSON R. *Letramento Literário: Teoria e Prática*. São Paulo: Contexto, 2014.
- DORFMAN, A.; MATTELART, A. *Para ler o Pato Donald*. 5. ed. São Paulo: Paz e terra S/A, 2002.
- GERALDI, J. W. (org.) *O texto na sala de aula*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2004.
- KLEIMAN, A. B. *Preciso “ensinar o letramento?”*. São Paulo: Unicamp, 2005.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (orgs.) *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces*. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- ROJO R.; MOURA E. (orgs.) *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.
- SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. *Análise e produção de textos*. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.; et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17. Ed. São Paulo: Ática, 2000.
- TRAVAGLIA, L. C. *Concepções de linguagem*. In: _____. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.
- VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. *Quadrinhos na educação*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- XAVIER, A. C. *Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos*. Recife: Rêspel, 2010.

ANEXOS

ANEXO I - Histórias em Quadrinhos no formato manuscrito





www *www.igor.com.br*

OLHA SÓ O TECO!



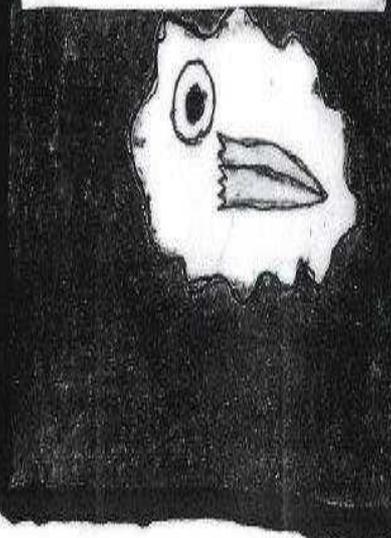
TECO É BICUDO!



O BICO DO TECO É AMARELO!



O OLHO DO TECO É AZUL DE DOER!



TECO TEM AS PENAS COLORIDAS! TECO É!...



UM TUCANO DIFERENTE!



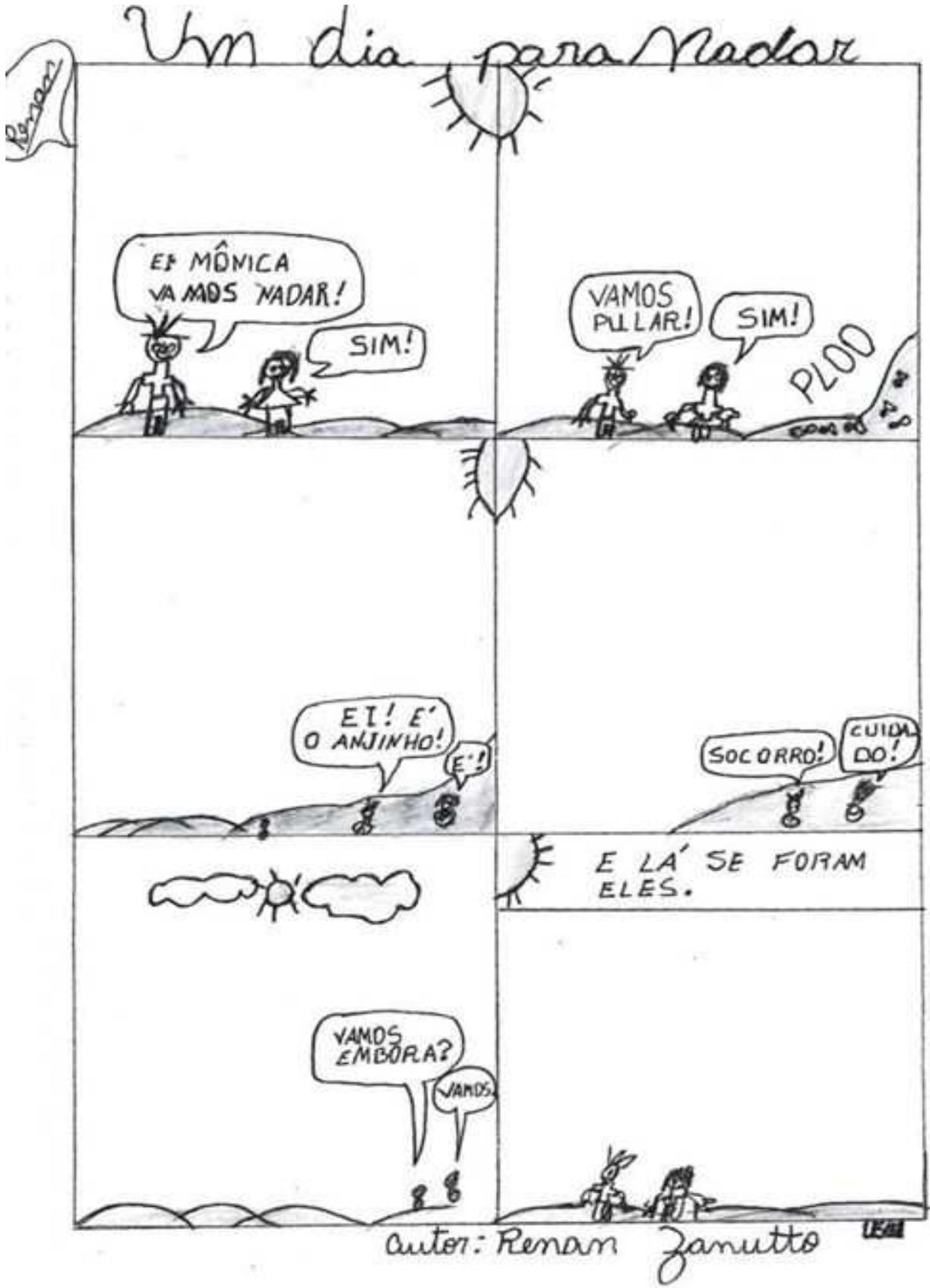
TECO NAMORA A TECA. NA HORA DE BEIJAR A TECA SÓ TOC...TOC...

Os prazeres semelhantes Luiz Felipe



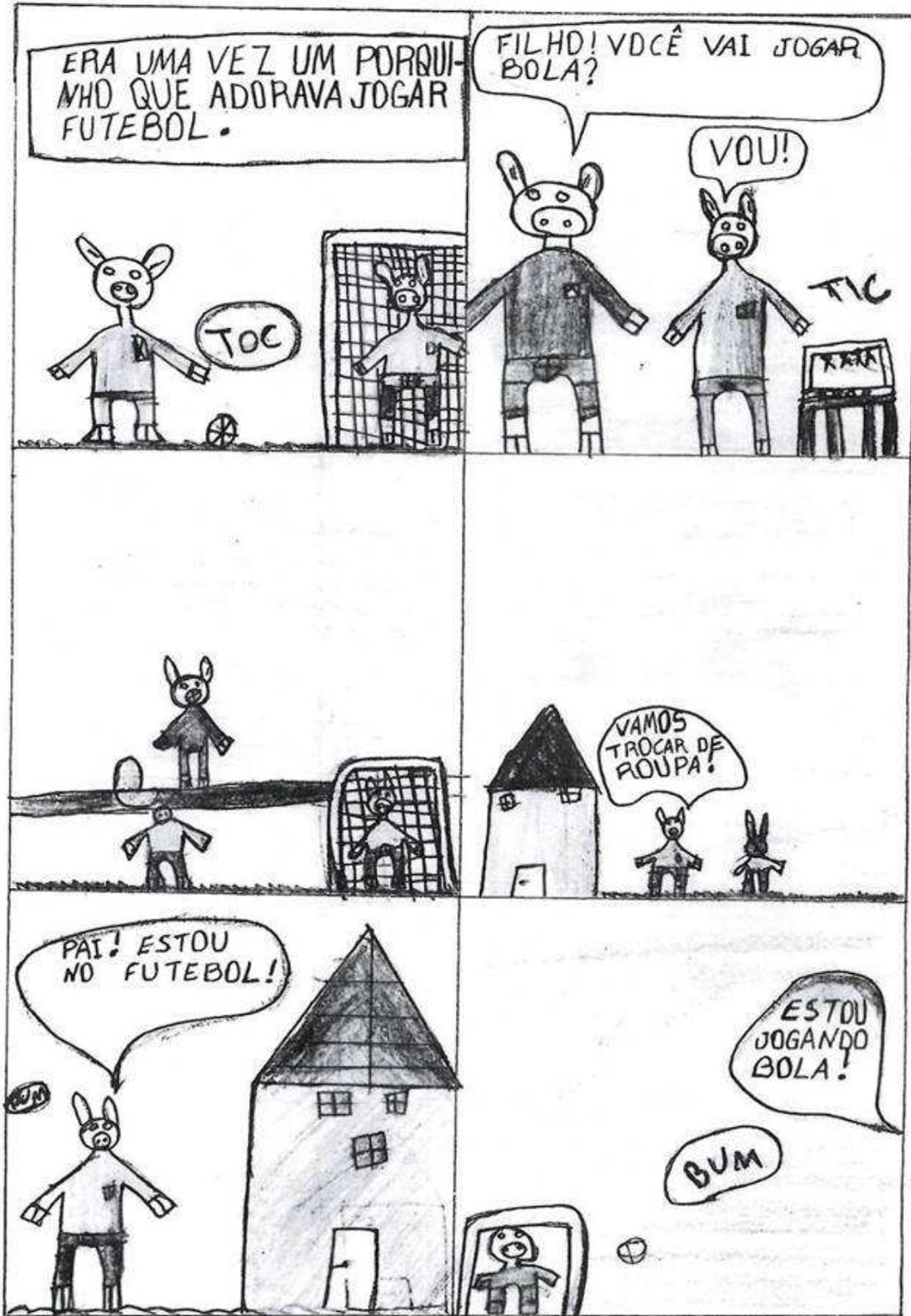


autor: Rafael



O PORQUINHO JOGADOR

AUTOR: BRUNO

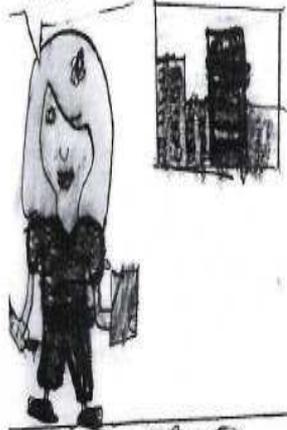


A menina mais bonita

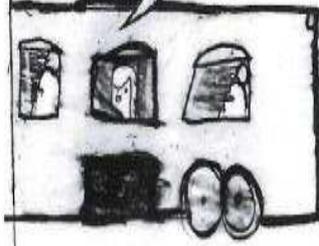


autora: Larissa

QUE LINDO DESENHO!



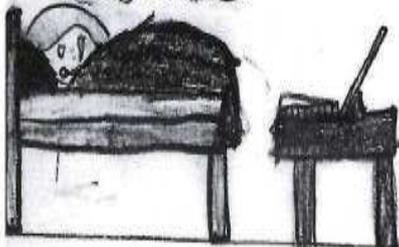
TCHAU MAMÃEZINHA!



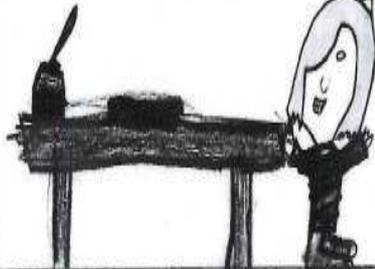
VÓ CADÊ MINHA CALÇA DE CANETA TINTAS?



O SONHO QUE BROTOU...



VOVO, VEM CÁ PARA VER QUE BO NITO!

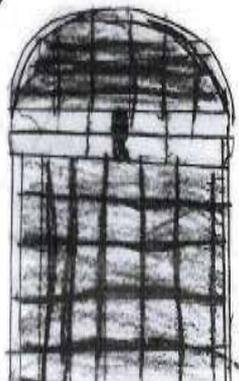


O SONHO QUE BROTOU...

ESSE É O LUGAR MAIS SEGURO!



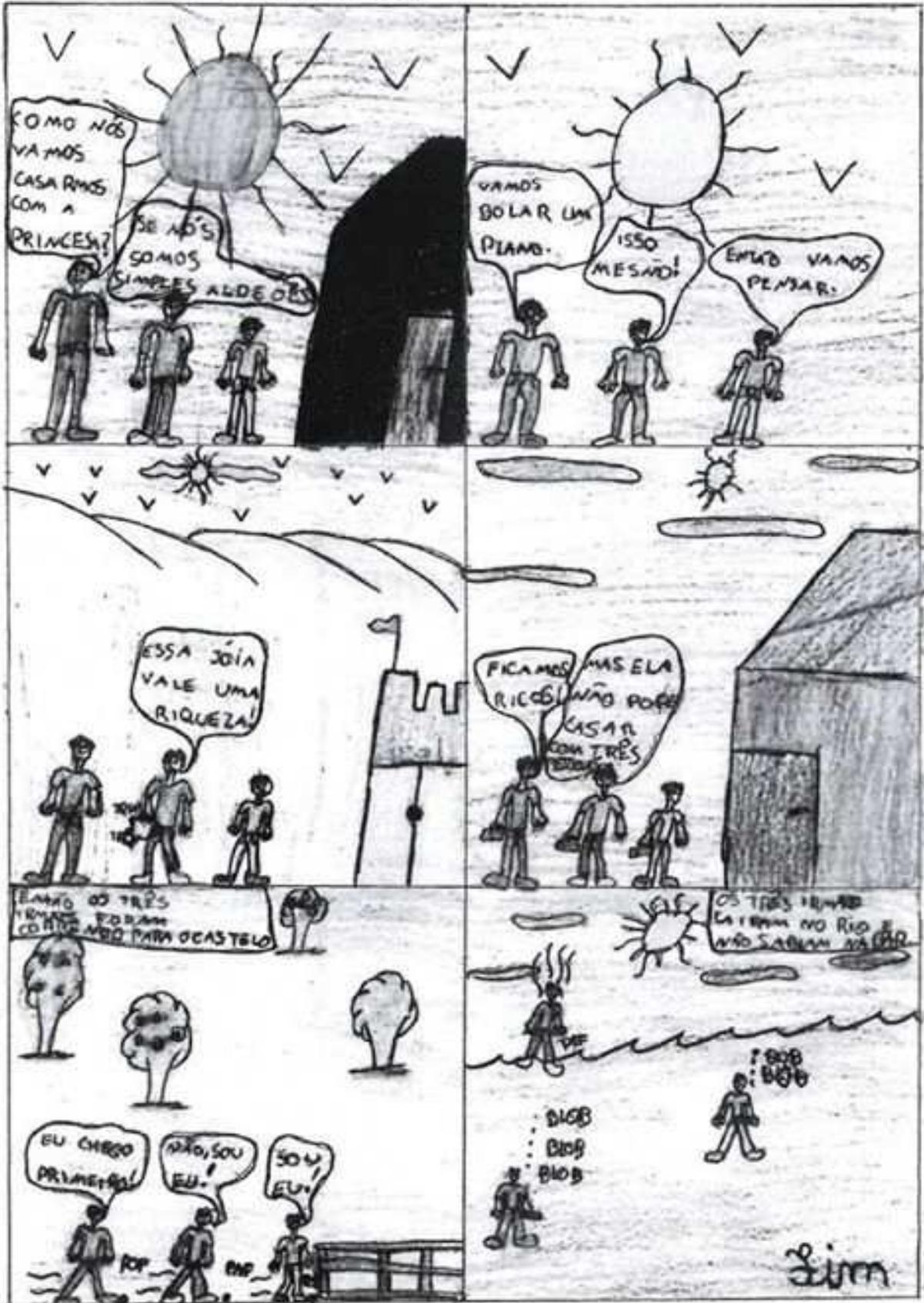
T.S.U.R.



autor: Lucas

Os Três irmãos

autor: Victor



OS TRES PORQUINHOS



autor: João Paulo

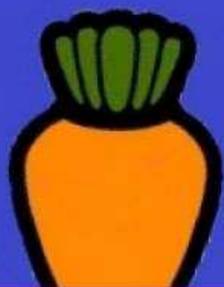
ANEXO II - Histórias em Quadrinhos no formato digital







Olha só o Teco!



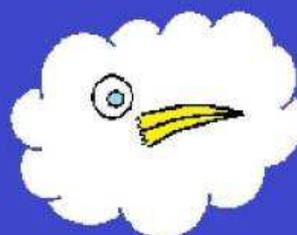
Teco é bicudo!



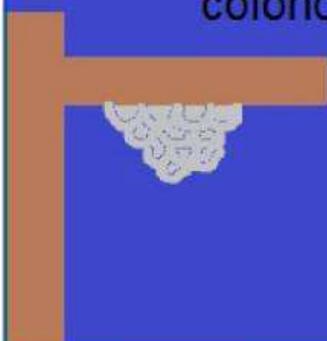
O bico do Teco é amarelo!



O olho do Teco é azul de doer!



Teco tem as penas coloridas!



Teco é um tucano diferente

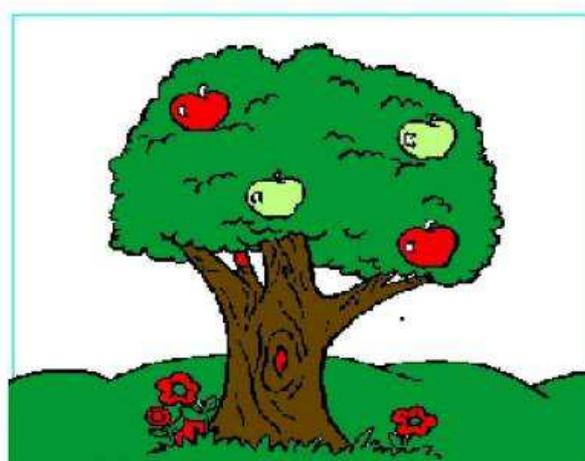


Teco namora a Teca,
na hora de beijar a Teca
só toc... toc









O sonho que brotou...

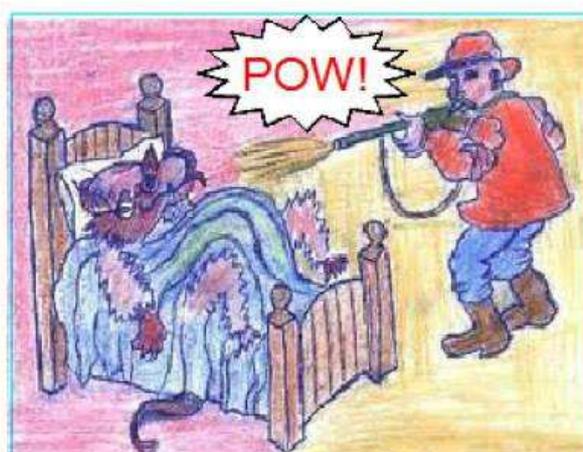
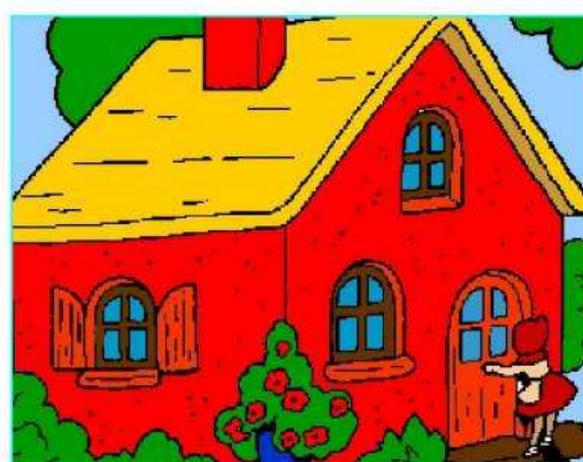
AUTOR: LUCAS



T.S.U.R.



FIM!



AUTOR: RAFAEL

Maria na Escola



Era sexta-feira a tarde, quando saiu correndo para comer seu lanche e caiu.



Maria chorou muito e sentiu-se feia



Seus colegas olharam e um disse:



Não fique assim,
você continua
bonita e legal!



E todos fizeram aquela bagunça!



